

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP  
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL  
CURSO DE LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS  
RESPECTIVAS LITERATURAS

DRIELY DANTAS CARDOSO

**DETERMINISMO EM *VIDAS SECAS***

PATU  
2016

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP  
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL  
LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS  
LITERATURAS

DRIELY DANTAS CARDOSO

**DETERMINISMO EM *VIDAS SECAS***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras. Sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Larissa Cristina Viana Lopes.

PATU  
2016

DRIELY DANTAS CARDOSO

**DETERMINISMO EM VIDAS SECAS**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes  
Orientadora

---

Prof. Ms. Fernando de Azevedo Guedes  
1<sup>o</sup> Examinador

---

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva  
2<sup>o</sup> Examinador

PATU  
2016

## DEDICATÓRIA

Dedico a Deus por sempre guiar meus passos.  
Dedico a meus professores e a minha família.  
Dedico a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram por meio de incentivos e positivamente durante esses quatro anos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por sempre guiar meus caminhos, por ter me dado dons e tudo mais para que eu pudesse chegar ao fim desse curso. Também por me proporcionar pensamentos positivos que me fizeram nunca desistir, pois já dizia Renato Russo na canção “Mais uma vez”: Quem acredita sempre alcança.

Em segundo, agradeço a minha família, meu pai Antônio e minha mãe Vanuza, por sempre acreditarem em mim e me incentivarem a ser mais do que sou.

À minhas irmãs Marina e Mariza, por aguentarem meus estresses e passos noturnos.

Em terceiro, a todos meus professores do curso de Letras do CAP-UERN, em especial a minha professora e orientadora Larissa Cristina Viana Lopes, pessoa e profissional que me inspira na profissão que escolhi. Obrigada pela maravilhosa e valiosa orientação, pelos incentivos e apoio.

Agradeço também, aos professores Francisco Vieira, que sempre me tratou de igual a igual, agradeço a amizade, e Fernando Guedes, por todo o clima divertido durante as aulas. No mais, agradeço aos dois por me permitir tê-los na defesa deste trabalho.

Agradeço a professora Silvania Araújo, pelos conselhos e paciência para comigo e minha turma durante todos esses anos, sigo seus conselhos para a vida.

Em quarto, agradeço a todos meus colegas e amigos, em especial, as minhas amigas de grupo de estudo Joecilma Ferreira e Micharlane Dutra. Obrigada, amigas, por tudo que vivenciamos juntas, a amizade, as conversas, os trabalhos feitos e apresentados juntas. Joecilma, obrigada "amiga-mãe," por cada palavra dita a mim em momentos difíceis, sei que foram mandadas pelo nosso Senhor, muito me ajudaram nessa jornada. Micharlane, obrigada por nossas conversas e sonhos realizados juntos, você é e sempre será minha “amiga-irmã”, adoro-te.

Por último e não menos importante, agradeço a toda família de Micharlane Dutra, pois me acolheu em sua casa como membro da família. Obrigada, D. Fátima, mãe de Micharlane.

*E a primeira manhã da criação escreveu  
O que a última alvorada do dia do juízo lerá  
(Omar Khayyam)*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o Determinismo, como corrente científico-filosófica, na obra *Vidas Secas* (1938), escrita por Graciliano Ramos. Buscamos analisar se o meio, a raça e o momento histórico, conforme preconiza a corrente Determinista, são fatores determinantes para as ações e comportamento dos personagens desta narrativa. Para realizar esta pesquisa foi fundamental nos ancorarmos em autores que descrevem o cientificismo e o positivismo do século XIX, como Darwin (2003) com sua teoria da seleção natural, Comte (1978) com a sua filosofia positivista que abriu caminho para o surgimento da teoria determinista, sendo descrita neste trabalho sob o olhar de seu fundador Hippolyte Adolphe Taine, estudado na obra de Aranha (1993). No estudo sobre literatura, partimos da concepção de Zola (1880) sobre o Naturalismo, e Almeida (1999) sobre o regionalismo de 30, momento literário a que pertence a obra aqui analisada. Esta pesquisa é essencialmente qualitativa e possui abordagem seguindo um viés indutivo, caracterizada como bibliográfica e faz uso da técnica descritivo-analítica, pois amparamo-nos no estudo e compreensão por meio de observações, análises e fichamentos de obras escritas e relacionadas a esse estudo. Na obra, diante do estudo realizado, podemos encontrar tanto na construção física quanto na personalidade dos personagens a influência do meio onde vivem, assim como também na linguagem de toda a família de Fabiano. A raça dos personagens e o momento histórico no qual vivem influenciam suas ações, comportamentos e maneira de ser, pois os personagens eram consequência de seus antepassados, sertanejos e vaqueiros que lidavam com o clima, os animais, e isso foi repassado para as novas gerações, também influenciando as escolhas das gerações futuras, como é o caso dos filhos de Fabiano. Os personagens são, por meio de um fator ou outro, determinados, tornando-se ao longo do enredo resultados de fatores que influenciam em suas características, comportamento, ações e até mesmo na linguagem. São resultados de acontecimentos ocorridos de fora para dentro, ou seja, aquilo que os rodeiam, como a natureza, clima, a sociedade, o contato com outras pessoas, tudo interfere no que virá a definir e caracterizar cada personagem, principalmente Fabiano, o que corrobora os princípios da corrente determinista.

**Palavras-chave:** Determinismo. Vidas secas. Personagens.

## **ABSTRACT**

This work aims to investigate Determinism, as a scientific-philosophical current, in the work *Vidas Secas* (1938), written by Graciliano Ramos. We seek to analyze if the medium, the race and the historical moment, according to the Deterministic current, are determining factors for the actions and behavior of the characters in this narrative. In order to carry out this research, it was fundamental to anchor in authors that describe scientism and positivism of the nineteenth century, as Darwin (2003) with his theory of natural selection, Comte (1978) with his positivist philosophy that paved the way for the emergence of theory Deterministic, being described in this work under the eyes of its founder Hippolyte Adolf Taine, studied in the work of Aranha (1993). In the literature study, we start with Zola (1880) on Naturalism, and Almeida (1999) on the regionalism of 30, literary moment to which the work analyzed here belongs. This research is essentially qualitative and has an approach following an inductive bias, characterized as bibliographical and makes use of the descriptive-analytical technique, since we rely on the study and understanding through observations, analyzes and written records of works written and related to this study. In the work, in the face of the study, we can find in both the physical construction and the personality of the characters the influence of the environment in which they live, as well as in the language of the entire Fabiano family. The race of the characters and the historical moment in which they live influence their actions, behaviors and way of being, since the characters were a consequence of their ancestors, sertanejos and cowboys who deal with the climate, the animals, and this was passed on to the new generations, Also influencing the choices of future generations, as is the case of Fabiano's children. The characters are, by means of one factor or another, determined, becoming along the plot results of factors that influence in their characteristics, behavior, actions and even in language. They are the results of events that happen from the outside, that is, what surrounds them, such as nature, climate, society, contact with other people, everything interferes in what will define and characterize each character, especially Fabiano, corroborates the principles of the deterministic current.

**Keywords:** Determinism. *Vidas secas*. Characters.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1 DETERMINISMO NOS FINS DO SÉCULO XIX.....</b>	<b>12</b>
1.1 Conceitos e história.....	12
1.2 Realismo e Naturalismo: o Determinismo na literatura.....	18
<b>2 DETERMINISMO, SERTÃO E LITERATURA BRASILEIRA.....</b>	<b>26</b>
<b>3 DE VIDAS SECAS À DETERMINADAS: O INDIVÍDUO COMO RESULTADO DO MEIO, DA RAÇA E DO MOMENTO.....</b>	<b>36</b>
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>57</b>
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar o Determinismo, como corrente científico-filosófica, na obra *Vidas Secas*, escrita por Graciliano Ramos. De acordo com a concepção determinista, mais precisamente de acordo com o Determinismo taineano, três fatores são responsáveis por determinar as ações dos seres: o meio, a raça e o momento histórico. Fundamentados nesta premissa, buscamos analisar se esses três fatores são responsáveis por influenciar as ações, características e comportamento dos personagens do romance aqui analisado.

O Determinismo é bastante discutido na estética realista e naturalista da segunda metade do século XIX, sendo o Modernismo de 30, momento em que se encaixa a obra estudada, considerada o neorrealismo, nossa pesquisa visa compreender se o pensamento determinista está presente na construção dos personagens do romance.

Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar o Determinismo na configuração dos personagens da obra *Vidas Secas*. Este objetivo se desmembra em dois outros específicos, que são: investigar se o meio, a raça e o momento histórico são fatores determinantes para as ações, comportamento e linguagem dos personagens; caracterizar o perfil dos personagens diante do que for constatado com o primeiro objetivo específico.

Em *Vidas secas*, Graciliano Ramos traz à tona os principais problemas que ocorrem na região sertaneja do Nordeste, problemas causados nessa região que, muitas vezes, é esquecida pelo poder público e que sofre, constantemente, com causas naturais, entre elas a tão conhecida seca. Os personagens sofridos não tinham nada a não ser a fé no fim da seca e a coragem de continuar lutando por sobrevivência.

Ao conhecermos este livro, chamou-nos a atenção as peculiaridades no que dizem respeito ao comportamento, as ações e até a linguagem dos personagens diante do fenômeno climático e diante das pessoas que, na história, estão em situações e/ou ambientes diferentes do da família do vaqueiro Fabiano. Daí nasceu nossa inquietação em estudar se os fatores citados são resultados das condições - sociais, do ambiente, e biológicas - existentes na região, o que nos leva a analisar e discutir sobre a ocorrência da doutrina determinista tanto na narrativa, quanto na escola literária à qual o romance pertence, o Modernismo na sua segunda fase.

Na escrita regionalista da década de 1930, o auge é de, com mais liberdade, escrever e compreender essa literatura de acordo com observações geográficas, político-sociais, psicológicas e linguísticas, tendo em vista que todos esses fatores se encontram presentes na obra e correm o risco de serem determinantes para as ações dos personagens.

Nosso trabalho constitui-se numa pesquisa essencialmente qualitativa, pois se preocupa com a compreensão do que se buscamos estudar e não somente com a explicação, como faz a pesquisa quantitativa (RAMPAZZO, 2004, p. 58). Nossa abordagem segue um viés indutivo e trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, que, seguindo o pensamento de Gonsalves (2007, p. 40), “caracteriza-se [...] pela identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, entre outros”. Buscamos, então, a análise e compreensão por meio de observações e estudos teóricos e analíticos de obras escritas e relacionadas a esta investigação, o que a caracteriza como descritivo-analítica.

Para fundamentar esta pesquisa, vamos nos ancorar em teóricos que falam sobre os assuntos aqui abordados de forma a enriquecer e auxiliar nosso estudo. Utilizamos de discussão de autores que descrevem o cientificismo e o positivismo do século XIX, como Darwin (2003) com sua teoria da seleção natural, que foi uma verdadeira revolução e gerou o darwinismo; Comte (1978), com a sua filosofia positivista, que abriu caminho para o surgimento da teoria determinista, sendo descrito neste trabalho sob o olhar de seu fundador Hippolyte Adolf Taine, estudado por meio da obra de Aranha (1993). No que se refere a estas teorias dentro da literatura, partimos da concepção de Zola (1880), sobre o Naturalismo, e Almeida (1999) sobre o regionalismo de 30, momento literário a que pertence a obra aqui analisada.

Diante dessa metodologia e aporte teórico, analisaremos o perfil dos personagens de *Vidas secas* de acordo com a concepção determinista, a fim de que identifiquemos se o meio, a raça e o momento, influenciam suas ações, comportamento e linguagem dos personagens.

O trabalho está dividido em três capítulos. O capítulo I discute a história da ciência e do positivismo no século XIX, até chegar ao surgimento do Determinismo. Conceitualiza e descreve os acontecimentos científicos e filosóficos ocorrido no século XIX, que auxiliaram no surgimento da teoria determinista. Ainda neste capítulo, por meio de um subtópico, falaremos sobre o Determinismo na literatura, mais precisamente na estética naturalista do século em questão.

O capítulo II aborda o Determinismo já no Modernismo brasileiro, mais especificamente na segunda fase, denominada também de regionalismo de 30. Nesta parte,

discutiremos os conceitos de regionalismo e sertanismo, buscando diferenciar um termo do outro. Ainda comentaremos algumas obras pertencente à escola literária do regionalismo de 30, a fim de identificarmos traços deterministas em suas escritas.

Por fim, o capítulo III refere-se, exclusivamente, à análise da obra *Vidas secas*. Analisaremos de forma a averiguarmos se o viés determinista é presente na construção dos personagens para que identifiquemos os fatores que contribuem para tornar os personagens resultados daquilo que vivenciam.

# 1 DETERMINISMO NOS FINS DO SÉCULO XIX

## 1.1 Conceitos e história

O Determinismo surgiu nos fins do século XIX e teve como principal defensor o filósofo, historiador e crítico literário Hippolyte Adolf Taine (1828-1893). Antes de discutirmos sobre a corrente filosófica aqui trabalhada, é importante falarmos sobre outros fatores que ocorreram nesse mesmo século e que tiveram grande relevância para o surgimento desta corrente, tanto nas ciências naturais quanto nas ciências humanas. Para isto, passearemos sobre a filosofia, ciência e biologia a fim de explicarmos a importância do século XIX para a criação dessa doutrina filosófica.

Desde o início do século mencionado, a ciência vinha sofrendo muitas transformações, tanto no plano filosófico quanto no plano prático e foram essas transformações, ao longo dos anos, que fizeram com que a ciência apresentasse a configuração que tem até hoje, ou seja, que não é vista somente como algo que parte de uma ideia para uma teoria, mas que pode e deve ser comprovada.

No campo da ciência do século XIX, quem revolucionou foi o inglês Charles Darwin (1809-1882). Darwin (2003) atribuiu à ciência um olhar mais revolucionário, no que concerne a suas observações, pois, retomando a teoria exposta por Lamarck (1744-1829) de que os seres vivos poderiam sofrer modificações, aquele (2003) chegou à conclusão de que as espécies, não importando quais fossem, tornavam-se, ao longo das gerações, mais fortes, pois acreditava que os mais fracos iam ficando pelo caminho, dando espaço para grupos mais vigorosos. Por meio de suas observações de plantas e animais, ele chegou a essa conclusão, a partir da qual estaria criada uma das maiores descobertas da ciência, a teoria da seleção natural das espécies.

Em seus estudos, o cientista observou que as espécies passavam, ao longo de gerações, por um processo de seleção natural, ou seja, essas espécies eram condicionadas por algo para promover modificações. Para Darwin (2003), isso pode ser explicado partindo da própria capacidade de sobrevivência que todo animal, seja racional ou não, tem inerentemente, ou seja, esses fatores que causam essas mudanças nos seres tendem a fazer parte do ambiente onde vive cada espécie. Para ele, sem sombra de dúvidas, um dos fatores principais seria o próprio ambiente:

Quando estudamos os numerosos pequenos pontos de diferença que existem entre as espécies e que, na nossa ignorância, nos parecem insignificantes,

não devemos esquecer que o clima, a alimentação, etc., têm, sem dúvida, produzido alguns efeitos diretos. É necessário não esquecer tampouco que, em virtude das leis da correlação, quando uma parte varia e a seleção natural acumula as variações, se originam, por vezes, outras modificações de natureza mais inesperada (DARWIN. 2003, p. 99).

Esta concepção infere que tudo aquilo que nos está disposto através do meio em que vivemos nos atribui características específicas. Por exemplo, um clima seco, uma alimentação mais saudável, tudo isso causa-nos efeitos, modificando exteriormente e internamente o que somos. São essas modificações, embora muitas vezes minuciosas, que vão sendo passadas de geração em geração, fazendo com que sejamos causas finais de uma seleção rigorosa da natureza.

A ciência foi usada como inspiração para a origem do Positivismo francês, pois, ao propor sua filosofia, Auguste Comte (1798 -1857) acreditava que quaisquer que fossem os fenômenos sociais, todos eram regidos por leis que definiam suas causas: “[...] o caráter fundamental da filosofia positiva é tomar todos os fenômenos como sujeitos a *leis* naturais invariáveis [...]” (COMTE *apud* SEVERINO, 1994, p.128, grifo do autor). Para Comte, tudo era regido por fenômenos que tinham por consequências causas determinadas. Com esse pensamento, Comte passou a atribuir à sociologia fenômenos só então atribuídos à ciência, como a utilização do pensamento partindo da razão, sendo que a razão nunca seria capaz de agir se não houvesse a experiência concreta. Portanto, tanto a ciência quanto a filosofia deveriam buscar encontrar as leis que regem todos os fenômenos observáveis.

Por meio de sua filosofia positivista ou também conhecida por cientificista, Auguste Comte acreditava que a história da humanidade partia para um determinado fim, ou seja, tinha uma finalidade. Assim, o pensador dividiu a sociologia em duas áreas, a primeira, denominada de “estática social”, tinha por objetivo fazer o estudo das forças que mantêm a sociedade unida. Já a segunda, a “dinâmica social”, objetivava as mudanças sociais e suas causas. Ou seja, as duas áreas fundamentam-se, respectivamente, na ordem e no progresso. Foi assim que surgiu a ideia de progresso, muito discutida pelo filósofo em questão, para quem a humanidade era fator importante para chegar a tal avanço.

Foi partindo desse pressuposto que foi criada a frase “ordem e progresso”, gravada na bandeira brasileira. Isso retrata influências positivistas no país, pois assim como afirma Ferrari (2008, p. 04)

[...] os ideais positivistas serviram para alavancar uma troca de regime, com a proclamação da República. Nenhum setor teve maior presença da ideologia comtiana do que as Forças Armadas, de onde saiu o vitorioso movimento republicano e a ideia de adotar o lema “ordem e progresso”.

O lema “ordem e progresso” foi bastante utilizado pelo positivismo francês. “O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim”, assim era o lema original. Quando foi transcrito para nossa bandeira, o uso restringiu-se às palavras ordem e progresso, porém a ideologia continuou a mesma. Acredita-se que a “ordem” teria que vir da união entre os indivíduos da sociedade, só assim haveria como consequência o “progresso”. Pois, assim como se acreditava a filosofia comteana, o “progresso” era uma consequência da “ordem” que mantinha a sociedade unida. Foi com a proclamação da República e a ajuda significativa das forças armadas que o ideal positivista ganhou mais força, sendo hoje ainda usado como incentivo para o alcance de um Brasil mais desenvolvido.

Durante a criação de sua filosofia, Comte formulou três fases pelas quais teria passado o conhecimento humano: “estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo” (COMTE, 1978, p. 35). De acordo com esses três estados, o espírito humano passa por três fases de filosofia, sendo que no primeiro estado os fenômenos seriam explicados por meio de causas divinas. Já no segundo, essas causas teriam princípios naturais, ou seja, partiriam da própria natureza. Por último, no terceiro estado, tudo seria explicado por meio da observação científica, daí a utilização racional. Seria esse terceiro estado o ponto final da humanidade, o estado positivista.

Severino (1994) já dizia que através desses pensamentos surgidos há dois séculos, a ciência sofreu modificações as quais ultrapassam o senso comum e provam que somos todos, sem exceção, condicionados por meio de fenômenos e que esses

fenômenos do mundo natural se manifestam, se “comportam” dentro de uma certa regularidade, de tal modo que os cientistas acabaram pressupondo que o universo forma um *sistema completo de regularidades*. Os fenômenos se manifestam sempre da mesma forma, como que obedecendo a *leis* (SEVERINO, 1994, p. 120, grifo do autor).

Dessa forma, essa linha de pensamento confirma que, ao conhecermos esses fenômenos, conseguiremos explicar essas *leis* e entender que são elas que produzem causas e efeitos semelhantes.

Partindo dessa ideia de que o universo é regido por leis que governam a natureza, a ciência chega a falar em Determinismo Universal, isto é, o universo funciona sempre de forma igual, de modo que todos os fenômenos da natureza estão interligados e determinados entre si.

Com base nessas ideias e tendo como foco principal o indivíduo, pensamos nele com uma “visão naturalista do homem”, pois graças ao Positivismo, que atribuiu à sociologia resquícios da ciência, podemos ver o homem como um ser natural como todos ou outros, submetido às leis de regularidade, acessível aos procedimentos de observação e experimentação (SEVERINO, 1994, p. 125).

Severino (1994, p. 125) ainda assegura que “O homem se constitui então como um organismo vivo, regido pelas leis da natureza, tanto no plano individual como no social, leis que determinam sua maneira de ser e de agir”. Logo, o homem é visto, por meio da ciência, como sendo submetido a leis naturais que os modificam e os define.

É importante ressaltarmos que foi de fundamental necessidade falarmos sobre o percurso da ciência durante o século XIX, pois podemos traçar um caminho histórico entre o surgimento das ciências humanas e o Determinismo, tendo em vista que esta corrente de pensamento é consequência de toda essa evolução experimental da época. Depois disso, passemos agora à definição do fundamento teórico utilizado como base deste estudo.

Como já mencionado anteriormente, quem deu uma real definição e um objetivo a filosofia determinista foi o filósofo Hippolyte Adolf Taine. Taine, segundo Aranha (1993), na tentativa de explicar a forma de agir e de viver do homem na sociedade, formulou e discutiu sobre a ideia de que o homem era motivado e moldado por três forças: a raça, o meio e o momento no qual se encontrava cada indivíduo.

Aranha (1993) definiu claramente os conceitos dessas três forças:

- a **raça**, que é a grande força biológica dos caracteres hereditários determinantes do comportamento do indivíduo;
- o **meio**, pelo qual o indivíduo se acha submetido aos fatores geográficos (como o clima, por exemplo), bem como ao ambiente sócio-cultural e às ocupações cotidianas da vida;
- o **momento**, pelo qual o indivíduo é fruto da época em que vive, estando subordinado a uma determinada maneira de pensar característica do seu tempo (p.666, grifo nosso).

Para o filósofo, afirma Aranha (1993), essas forças fundamentam o pensamento de que os fatores ocorridos ao redor do homem (fatores externos) e os que já eram adquiridos desde sua criação (fatores internos), determinam o agir de cada indivíduo. Assim sendo, para o Determinismo o ato humano não é livre, mas intimamente influenciado por esses três fatores dos quais não escapa.

Gellner (1925-1995), já pensava e discutia Determinismo com relação a objetos e acontecimentos, pensando em um Determinismo científico e não filosófico, como pensava Taine. Para Gellner (1986), todos os objetos ou acontecimentos eram determinados, assim sendo, “devem ser como são e como serão, em virtude de certas leis ou forças que façam com que necessariamente assim sejam” (GELLNER *apud* RIBEIRO, 1999, P. 62). Com isso, podemos pensar o Determinismo como também tendo sido importante para o rumo da ciência, pois abriu caminho para se pensar e discutir teorias e leis científicas, porquanto pensar em determinismo é acreditar na relação entre causa e efeito. Acreditando nessa relação, qualquer causa repetida terá como consequência o mesmo efeito, portanto, o Determinismo pode ser entendido como uma forma de se conhecer o futuro, pois se conhecemos determinada causa, poderemos vir a saber seu efeito ou resultado final.

Friedrich Ratzel (1844-1904) por meio de seus estudos na geografia, deu origem ao chamado Determinismo geográfico, ou seja, quando se busca fatos que ocorrem na natureza para explicar determinadas causas. Esse pensador teve como importante influência a teoria evolucionista de Darwin. Para esse tipo de Determinismo e seguindo a concepção de Pinchemel (1957):

O determinismo geográfico é a manifestação indiscutível de influencia de um ou muitos fatos de ordem natural, solo, relevo, clima [...] sobre agrupamentos humanos e suas atividades, essa influencia possui um valor de causa, explicativa do fato humano considerado (*apud* RIBEIRO, 1999, P. 64).

Podemos dizer que o Determinismo geográfico vai ao encontro do pensamento evolucionista de Darwin, pois assim como pensa o Determinismo geográfico, sobre várias causas terem por determinantes fatores naturais, Darwin (2003) dizia ser o meio (clima, alimentação, vegetação, etc.) fator determinante para a seleção de qualquer espécie, fazendo com que elas evoluíssem ao longo das gerações. Portanto, é o meio - clima, vegetação, região - que mais determina, no caso de corpos vivos, ações.

Com estas discussões, buscamos aqui esclarecer sobre os três principais tipos de Determinismo: determinismo científico, filosófico e geográfico.

Contra-pondo-se a teoria determinista, existe a teoria da liberdade, ou livre-arbítrio. Segundo essa teoria, o ser humano tem o poder “de realizar, ou de suspender uma ação, de acordo com o que a mente escolher ou ordenar” (LOCKE apud BRENIFIER, 2007, P. 82). A partir do surgimento dessas duas teorias, passou-se a se falar na dicotomia: Determinismo e Liberdade. Somos condicionando por fatores, externos ou internos, que condicionam a determinadas causas, das quais não podemos escapar, contudo, acredita a corrente da liberdade também que, embora não possamos cessar e modificar os fatores que regem e determinam nossas ações, podemos, por meio do conhecimento dos mesmos, interferir em suas causas, ou seja, podemos transformar uma causa em outra, sem alterar os fatores ou leis que as regem.

É importante partirmos da ideia de que, embora diferentes, esses pensamentos se ligam, como afirma Aranha (1993, p. 668):

A consciência que o homem tem das causas se transforma, por sua vez, em outra causa, capaz de alterar a ordem das coisas. Com isso, não se rompe o nexos causal, mas introduz-se uma outra causa - a consciência do determinismo - que transforma o homem em ser atuante, e não simples efeito passivo das causas que agem sobre ele. Vejamos o exemplo da ação do vírus da tuberculose no corpo humano: pela ordem natural da ação das causas, a morte é inevitável. [...] pelo menos era assim no século passado, [...] quando descobre o nexos causal da doença, pela ação do bacilo, o conhecimento das causas possibilita a ação efetiva.

O excerto acima nos esclarece o que foi falado anteriormente sobre o fato de sermos capazes de transformar causas em outras causas, sem com isso interferir em seus fatores determinantes. De acordo com o exemplo dado, digamos que a tuberculose seja um fator que teria como causa a morte do indivíduo, porém, ao se descobrirmos que o responsável pela doença é um bacilo, podemos chegar ao desenvolvimento do tratamento e na possível cura. Deste modo, embora não possamos evitar 100% a contaminação pela bactéria, podemos, por meio do conhecimento da mesma, evitar a morte da pessoa contaminada. Com esse exemplo, vemos que o homem pode vir a ser atuante, sem que para isso modifique ou rompa com o “nexos causal” que fala Aranha (1993), pois, apesar de ter a capacidade de modificar determinadas causas, ainda assim o indivíduo estará sujeito a consequências já predeterminadas pelos fatores que agem sobre si.

Assim, podemos ressaltar que, embora alguns acreditem nos dois pensamentos, o Determinismo, segundo sua definição, prevalece neste trabalho, pois tudo o que acontece possui uma causa, embora a modifiquemos para outra causa, nunca deixa de sê-la.

Para compreendermos o Determinismo dentro da literatura, o tópico seguinte tratará de comentar como esta corrente de pensamento chegou nos textos literários e na construção de personagens na mesma época em que surgiu, o final do século XIX.

## **1.2 Realismo e Naturalismo no século XIX: o Determinismo na literatura**

O Realismo e Naturalismo são muitas vezes estudados juntos. Isso se deve ao fato de ambas as escolas literárias terem surgido no mesmo período histórico, sem contar que possuem características semelhantes e levíssimas peculiaridades que as separam.

Os autores dessas escolas buscavam descrever em suas obras o retrato da sociedade e, para que isso pudesse acontecer, analisavam seus personagens de acordo com as observações feitas da vida real. Com isso, é muito comum essa estética literária mostrar o homem de acordo com a influência do meio, da raça e do momento histórico da época, assim como argumenta a corrente filosófica defendida por Taine, o Determinismo.

Embora tenham surgido quase que simultaneamente e possuam algumas características parecidas, como a importância dada por seus escritores em trazer para suas escritas a realidade observável da vida cotidiana dos indivíduos, é importante falarmos sobre suas diferenças, pois ambas dão ênfase a temas diferentes.

O Realismo tem por característica se opor ao Romantismo, assim define Faraco & Moura (2002): “repudiando a ‘arte pela arte’, os artistas realistas exigiam uma função social para a arte. Rejeitavam o sentimentalismo, o subjetivismo e a linguagem dos românticos”. Os realistas atribuem a escrita uma função social, ou seja, sua arte é produzida pensando numa finalidade e não em escrever por escrever. De tal maneira, seu objetivo era mostrar, por meio da literatura, a hipocrisia que reina na sociedade, seus problemas e mazelas.

Já o Naturalismo tem por principal característica apresentar uma visão de mundo mecanicista, como afirmam Faraco & Moura (2002, p.161):

O Naturalismo apresenta uma visão de mundo mais mecanicista, mais determinista, pois aceita radicalmente o princípio segundo o qual somente as leis e os métodos científicos são válidos. Decorre daí a concepção de que o homem é condicionado por forças que determinam suas atitudes.

Os personagens das obras tradicionalmente inseridos no âmbito desse momento literário são totalmente determinados pelo meio e momento histórico em que vivem e, também, por sua raça, por isso que daremos ênfase ao Naturalismo em nossos estudos, pois apresenta uma concepção determinista de arte.

O Naturalismo teve origem na França durante o século XIX e, assim como outras escolas literárias, acabou absorvendo e evidenciando muito de sua época. Entre essas absorções e evidências, destaca-se a utilização de algumas correntes filosóficas da época, como o Positivismo e o Determinismo. Neste segmento, as obras passam a desenhar o homem que não mais seria visto como um ser perfeito e romantizado, mas, acima de tudo, como o real ser humano, visto de uma forma científica. Os autores dessa estética criavam seus romances de forma que, ao serem lidos, alguns acontecimentos fossem totalmente previsíveis, ou seja, o leitor raramente é surpreendido, pois

Alguns ingredientes se ajustam como peças de um quebra – cabeça, sem dar margem a surpresas ou sobressaltos [...]. O romancista divisa-a como palco onde tudo se pode conhecer graças aos princípios científicos, subordinados ao apelo da Razão (MOISÉS, 2001, p. 25).

No romance naturalista, o real é transcrito de forma que mostre tudo aquilo que é observável e que tenha por base o princípio científico. A vida psicológica de seus personagens, como nos diz Moisés (2001, p. 25), “é sucessível de ser conhecida e analisada visto que se manifesta por meio de gesto, palavras, contorno do rosto, etc. [...]”. Assim, é possível que, com a influência do meio, alguns acontecimentos sobre os personagens venham a ser “matematicamente previsível”.

Quem atribuiu à literatura esse ar cientificista, foi o romancista Émile Zola (1840-1902), que soube muito bem descrever uma “literatura determinada pela ciência”, um pouco incompreendido em seu tempo. Por este motivo, resolveu escrever seu livro *O romance experimental e o naturalismo no teatro* (1888), no qual tinha por objetivo escrever sobre o que era o chamado romance experimental.

Para a produção desta obra, a todo momento, Zola traz a fala de outro escritor, Claude Bernard (1813-1878) que escreveu o livro *Introdução ao estudo da medicina experimental* (1968). Nesse livro, Claude Bernard procurou fazer com que a medicina se encontrasse com o caminho científico, ou seja, procurava atribuir à medicina o método experimental, antes só atribuído à física e química. Assim, pode-se conferir aos copos vivos a

utilização do método científico e, assim, suplantar a visão de que a medicina é somente a “arte de curar”. Dessa forma, Zola acreditava que se Bernard atribuiu aos corpos vivos essa ciência, então ele poderia tentar atribuir também a literatura. Foi exatamente isso que fez Zola, quando demonstra nitidamente a influência da ciência na sua forma de pensar literatura. Na ciência, segundo Bernard, temos o observador e o experimentador e, neste contexto, Zola nos explica que o romance também pode ser visto dessa maneira:

[...] vemos também que o romancista é feito de um observador e de um experimentador. [...] o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define o ponto de partida, estabelece o terreno sólido no qual os personagens vão andar e os fenômenos se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, [...] faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual a exige o determinismo dos fenômenos estudados. (ZOLA, 1880, p.31).

Para nós fica clara a ideia de Zola a respeito do romancista, o qual tem papel duplicado no ato de escrever um romance. O romancista tende a pôr na escrita tudo aquilo que é visível aos seus olhos, tudo que ao longo de observações foi detectado, como um experimentador. Em outras palavras, é aquele que vai fazer com que os personagens evoluam, seguindo a ordem natural de fenômenos já estabelecidos e que se declinam a causas já determinadas. É aí onde vemos o romancista entrar na teoria determinista, teoria essa que serve de base para a escrita naturalista.

Ao longo de toda a presença do Realismo e Naturalismo na literatura, várias obras foram influenciadas pelo Determinismo, seja na França, em Portugal, no Brasil. Com isso, passaremos a citar obras que possuem a presença determinista e que são até hoje lidas e tornadas clássicos da literatura mundial.

Na França, podemos citar duas obras que tiveram a teoria determinista como influência, *Thérèse Raquin* (1867) e *Madame Bovary* (1857).

*Thérèse Raquin* foi escrita por Émile Zola, publicada em 1867. Nessa obra, o romancista conta a história de uma jovem, Tereza Raquin, que se casa muito nova com um primo. Ao longo do tempo, Tereza se vê dentro de um casamento entediante e, como consequência, acaba sentindo atração por outros homens, entre eles um amigo de seu marido. A personagem acaba por ter um caso com o amigo do esposo e ambos planejam a morte deste. Porém, por causa do assassinato, os dois não conseguem viver felizes, tendo por fim planejado suas próprias mortes.

Nesse romance vemos a presença de personagem que busca a realização de desejos sexuais. Ao se ver em um casamento no qual não era feliz, a protagonista busca se realizar através de outra pessoa. Isso só prova que, além da infelicidade no casamento, o desejo sexual também determina o ato de traição. Para a personagem, era tão necessário se sentir realizada e saciada em seu desejo, que buscou a morte de seu marido para que isso acontecesse. Após a morte de Camille, Tereza casa-se com seu amante, porém os dois não conseguem ser felizes, pois a todo momento são sucumbidos pela imagem da morte do marido assassinado. Sendo os dois atormentados pela imagem de Camille, e não conseguindo viverem assim, decidem matar um ao outro,

A todo momento vemos os personagens envolvidos pela relação de causa e efeito, pois os acontecimentos vão gerando outros, até que os personagens cheguem ao ponto de não mais dominar suas ações, tornando-se seres não atuantes e totalmente determinados pelo meio onde vivem, assim foi com Tereza e Laurent. Devido as suas ações, chegam a enlouquecerem e se matarem ao fim da obra.

Outra personagem que merece destaque, com relação a ser totalmente determinada pelo meio, é a mãe de Camille, Madame Raquin. No início do romance, percebemos Madame Raquin como sendo um mulher de bom coração. Um exemplo disso é quando ela se dispõe a cuidar de Tereza como uma verdadeira filha e chegar a casá-la com seu único filho, a quem muito amava. Entretanto, sua personalidade muda significativamente quando descobre quem provocou a morte de seu filho. Madame Raquin passa a viver de ódio e de desejo de vingança, contudo não pode fazer nada contra os assassinos de Camille.

Vemos o quão a obra foi influenciada por acontecimentos científicos e corrente de pensamentos presentes na época de sua escrita, assim como a presença da relação causa/efeito desenvolvida durante toda a trama.

Em *Madame Bovary* o enredo é um pouco semelhante, pois também conta a história de uma mulher que não era feliz conjugalmente e procura um sentido para sua vida, busca a todo custo a felicidade que não tem em sua casa.

Nesse romance, Gustave Flaubert (1821-1880) mostra-nos a realidade presente na sociedade burguesa da França no século XIX. Ao trair seu marido, Emma Bovary vive um terrível dilema: por buscar viver intensamente, sente-se realizada com aquele ato deplorável para a sociedade da época, porém, por este mesmo motivo, sente-se um ser sujo e, conseqüentemente, infeliz. Madame Bovary é uma mulher que se apega muito aos romances que lê e isso faz com que ela tenha o desejo de viver exatamente aquele amor escrito nas

obras românticas com as quais tem contato, todavia seu casamento não dá a ela essa realização, essa paixão avassaladora e ardente que vê nas personagens das histórias lidas. Desta forma, percebemos uma personagem influenciada por aquilo que lê e, conseqüentemente, por aquilo que a sociedade a faz acreditar, ou seja, em um casamento perfeito, um dos ideais da felicidade burguesa da época. Isso determina seus desejos e vontades. Após a traição, a protagonista sente na pele os preconceitos da sociedade e isso faz com que se lembre do quanto é desonrada. Por fim, tudo isso causa na personagem um fim trágico, acaba por se suicidar.

Nas duas obras vemos a exposição do adultério como forma de aniquilar o tédio existencial vivido pelas personagens. Dessa forma, as personagens passam a ser determinadas por vários fatores, os que as tornam resultados dos mesmos. Encontramos, nos romances, a teoria Determinista quando percebemos que as duas personagens giram em torno de desejos sexuais e da influência que o pensamento da sociedade da época tinha com relação às mulheres.

Essa estética literária não se faz presente somente na França, mas também em Portugal com a publicação marcante de *O Crime do Padre Amaro* (1875) e *O Primo Basílio* (1878). As duas obras foram escritas por Eça de Queiroz (1845-1900), que teve por influência a escrita dos dois autores dos romances citados a cima. Por meio de sua escrita, Eça tinha, assim como outros naturalistas, a intenção de descrever os males presentes na sociedade da época e, para que isso acontecesse, não abria mão de um tom de denúncia. Assim fez ao tentar mostrar a realidade hipócrita do clero e da burguesia em Portugal.

Em *O Crime do Padre Amaro*, vemos o viés determinista muito bem formado, pois a obra é totalmente determinada pelo momento e o meio no qual estavam inseridos os personagens. Amaro, ainda muito jovem, teve a oportunidade de ser padre em uma pequena cidade. Poderíamos até acreditar, no início do romance, que Amaro tivesse boas intenções com relação ao seu sacerdócio, porém as coisas mudaram quando o jovem padre se vê dentro de um clero decrépito e cínico. Alguns de seus colegas de profissão pregavam aos fiéis exatamente o que não faziam. Muitos possuíam relações sexuais com mulheres da comunidade, além de terem contato com dinheiro sujo, pois algumas vezes acatavam ordens de pessoas envolvidas em crimes por troca financeira, tendo a igreja como um comércio. Destarte, vemos o quanto o clero era influenciado pelo momento que viviam, pois na época em que se passa o romance, a grande elite era formada pelos grandes fazendeiros e os padres passavam a manipular a população a favor desses poderosos.

Ao se encontrar dentro de um clero no qual esses tipos de coisas eram tão comuns, Amaro passou a sofrer interferência desse meio, principalmente no que se refere ao desejo proibido que sentia por Amélia, uma jovem que correspondia a seus olhares. Apesar de tentar não se envolver com a moça, o padre não teve como não viver aquele desejo e engatou uma relação proibida. Após Amélia lhe informar que estava gerando um filho, Amaro não se viu com opções e decidiu entregar o filho nascido a uma “tecedeira de anjos”.

A formação/transformação dos personagens tendo como atuante fatores originados do meio e momento em que se encontram, provam-nos que há fatores relacionados ao instinto, o fisiológico e o natural dos personagens, o que nos retoma o pensamento de seleção natural das espécies de Charles Darwin (2003).

Em *O Primo Basílio*, os personagens, em sua maioria, eram influenciados pelo ambiente no qual se encontravam inseridos, muitas vezes escondendo quem realmente eram, sua essência enquanto ser social. Era o que acontecia com Luísa, protagonista que tenta levar uma vida regida pelas regras sociais, mas que, ao longo do enredo, percebe que não é feliz com a vida que escolheu para si (ou que a sociedade a impulsionou escolher).

A protagonista chega a essa conclusão ao ter contato com uma amiga que não se importa com as regras impostas pela sociedade da época como sendo as que definam sua felicidade. Ao se ver coagida, mesmo que sem querer, por aquele pensamento, Luisa passa a se envolver com um primo que voltara a cidade e que era seu antigo amor de adolescência. Mesmo relutante, a personagem acaba por se entregar a seus desejos sexuais e começa a trair seu marido com o tal primo.

Vemos no romance o pensamento determinista, quando Luisa é motivada a agir segundo o exemplo que tem na amiga e também por causa das investidas de Basílio. Mais uma vez vemos o meio como sendo decisivo para o agir de um personagem, assim como também a presença do instinto sexual. Outro fator que determina as ações da personagem é no que se refere ao seu fim trágico, pois Luisa, após ser abandonada por Basílio, vê-se destruída, principalmente pelo fato de ter ido contra todos os seus ensinamentos, enquanto uma dama da sociedade burguesa da época, para viver essa intensa paixão. Como consequência de seus atos, a própria protagonista se castiga com uma morte trágica e dolorosa.

Já no Brasil, o Naturalismo ganhou força por meio da escrita de Aluísio de Azevedo, quando o autor escreveu *O Mulato* (1881) e *O Cortiço* (1890). Em suas obras, Aluísio dava ênfase à coletividade humana e mostrava o homem como sendo um ser determinado por vários fatores - o meio, a raça e o momento - assim como acreditava Taine.

Em *O Mulato*, Aluísio de Azevedo conta a história de um jovem, filho de um pai branco e uma mãe negra, que, após alguns anos em Lisboa volta formado a sua cidade natal, São Luís. Contudo, ao voltar para o Brasil, o jovem mulato não é muito bem visto por uma parcela da sociedade, pois vive em uma época em que o preconceito racial era muito grande, tendo em vista que era filho de uma ex-escrava. Raimundo, como era chamado, logo que chegou ao Brasil, apaixonou-se por Ana Rosa, mas os dois não puderam viver esse amor pelo fato de muitos serem contra o relacionamento, como a avó da moça e o cônego Diogo. Fica explícito o quanto o fato de ser filho de uma ex-escrava, e o momento histórico da época foi fundamental para determinar que Raimundo e Ana Rosa não viessem a viver o relacionamento, tendo por fim a morte de Raimundo.

É importante falarmos nesse texto dos personagens que também são relevantes para algumas ações nessa obra, como o cônego Diogo. O cônego em questão é peça fundamental nas ações que ocorrem no enredo, pelo simples fato de conhecer todo o passado de Raimundo e, tendo raiva do mesmo, busca manipular outros personagens contra o protagonista. Foi o que sucedeu a Raimundo e Ana Rosa, pois ele os fez acreditar que, como cônego, estaria sempre a ajudá-los com relação ao relacionamento proibido. Porém, era tudo parte de um plano que tinha para tirar a vida de Raimundo, como fez quando manipulou Luiz Dias e o fez assassinar o mulato. Como vemos, alguns personagens são manipulados pelo cônego, que é totalmente determinado pela raiva que sente pelo protagonista, a quem joga descendente de seu passado nada honroso, tendo em vista que o cônego tivera problemas com o pai de Raimundo.

De acordo como o pensamento determinista, as ações humanas são produtos de leis naturais como a raça, o meio e o momento, sendo assim podemos encontrar em *O Mulato* a influência desses três fatores, contudo, há a presença muito forte da raça como definição de ações.

Em *O Cortiço*, Aluísio retrata a vida de pessoas que moram em um cortiço, por isso vivem em um lugar totalmente coletivo. A obra faz uma grande ligação entre o cortiço - local onde vivem seus personagens - e os próprios moradores, motivo pelo qual o lugar acaba por se tornar um de seus personagens, o principal deles, sendo ele um dos fatores determinantes para ações de alguns personagens. A obra se utiliza do pensamento determinista quando faz uso da relação homem/animal. O escritor traz o homem como sendo determinado por fatores biológicos, como quando prioriza a atividade sexual, que muitas vezes não é contida pelos personagens da história. Este é um caso muito presente na vida de Miranda e Estela, pois,

embora sejam um casal, não há entre os dois uma relação de amor, pelo contrário, os dois apenas se entregam ao desejo carnal, sem que haja um sentimento para isso, apenas puro extinto sexual. Como os animais machos e fêmeas, são vistos o casal em questão e praticamente todos os personagens, fazendo-nos enxergá-los somente como produtos da raça.

Outros personagens que merecem destaque nessa obra são Jerônimo e Pombinha, que foram totalmente influenciados pelo meio em que viviam. Jerônimo, ao conhecer e ter contato com Rita Baiana, decide largar a mulher e a filha para levar a mesma vida que levava a bela morena. Ao longo do enredo, podemos perceber duas fases de Jerônimo, uma antes da influência de Rita Baiana e outra depois. Pombinha, uma bela jovem que também morava no cortiço, teve sua vida modificada pelo meio no qual se encontrava. Era Pombinha a responsável por escrever cartas dos moradores e, com isso, acabara por descobrir várias coisas sobre a vida de outras pessoas, entre as tais as angústias vividas por muitos moradores. O contato com várias histórias fez com que Pombinha mudasse seus valores, tornando-se ao fim do enredo uma prostituta.

Foi através de *O cortiço* que o naturalismo brasileiro ganhou força, pois essa obra, além de buscar retratar a realidade da coletividade humana, tem em seu enredo a presença de correntes filosóficas e científicas da época, como a concepção determinista.

*O Mulato* e *O Cortiço* são dois romances que fazem uso de uma estética totalmente naturalista, pois o homem é retratado através de vícios, suas patologias e principalmente na comparação entre o ser humano e o animal.

Como vamos trabalhar a obra *Vidas secas* numa perspectiva determinista, é necessário que pensemos a relação do sertão com o homem e como isso aparece na literatura brasileira. Esta discussão compõe o capítulo seguinte, a fim de que discorramos sobre a temática sertanista, tão necessária ao pesquisarmos a obra em questão, ligada a concepção determinista em outras obras literárias fora da vertente naturalista e próxima de temáticas regionalistas.

## 2 DETERMINISMO, SERTÃO E LITERATURA BRASILEIRA

Antes do surgimento do Modernismo brasileiro, outra escola literária já havia dado à literatura uma tendência nacionalista, o Romantismo, pois alguns de seus autores, principalmente José de Alencar, procurou escrever sobre personagens bem nacionais. Com esse objetivo, trouxe à estética romântica o índio como herói da nação, o que fez com que nossa literatura ganhasse uma tendência nacionalista, ainda que europeizada. Com o interesse em escrever sobre algo nosso e buscar ter nosso povo como personagem, deu-se início, mesmo que timidamente, a uma literatura com estética regionalista, pois, ao escrever sobre o selvagem, Alencar abriu caminho para escrever sobre um povo específico e sobre o momento histórico no qual os personagens estavam envolvidos.

Tendo em vista que falaremos um pouco sobre a estética regionalista, buscamos partir do Romantismo porque, como acredita Almeida (1999, p. 27), “Se pretendemos encontrar as origens da ficção regionalista no Brasil, temos que recuar a investigação até o Romantismo, quando, estimulada pelo processo de independência, começa a definir-se na literatura brasileira forte tendência nacionalista”.

Embora o índio tenha sido a primeira expressão do nacionalismo na literatura brasileira, ao longo do tempo, este foi cedendo lugar a outro tipo de personagem que, mesmo que tenha características distintas, não deixa de representar um povo tipicamente nacional. Estamos falando do sertanejo, “[...] homem do interior, das regiões pouco afetadas pelo contato externo” (ALMEIDA, 1999, p. 380). Além disso, o sertão do Brasil ganhou espaço ainda na escrita regionalista do século XIX. Prova de que no Romantismo já se falava do sertão é quando nos deparamos com a obra *O Sertanejo*, de José Alencar.

Nesta obra José de Alencar, traz à tona uma escrita que retrata a cultura nordestina, dando destaque ao folclore do lugar, assim como sua linguagem. Isso nos confirma o quanto a regionalidade já se fazia presente na escrita dos românticos, como nos diz Almeida (1999), “Não sem razão a preocupação romântica com o folclore penetra em *O Sertanejo* no aproveitamento das gestas nordestinas do boi” (p. 44). O autor ainda nos diz ser “essas fontes puras da alma brasileira” que os românticos tinham por interesse preservar na escrita de cunho rural ou regional. (p.44)

A obra *O Sertanejo*, publicada em 1875, descreve a realidade vivenciada pelo povo nordestino do século XVIII, além de descrever o ambiente presente no enredo de forma detalhista. Dividido em duas partes, o romance busca de início apresentar o lugar da narrativa para só em seguida falar sobre o personagem principal, Arnaldo. O personagem aqui retratado é um simples vaqueiro que luta por seus ideais e possui características bem semelhantes a de um cavaleiro medieval. De acordo com Candido (*apud* ROCHA, 2012, p. 02), nesse romance há uma “tentativa de transpor situações cavalheirescas equivalentes às da ficção romântica europeia para o século XVIII do Nordeste brasileiro, marcado pela rusticidade da pecuária”. Sabendo disso, vemos que, embora rústico, o personagem não deixa de ser visto como um herói na narrativa, característica marcante do romantismo.

Embora a ficção regionalista tenha dado seus primeiros passos ainda no Romantismo, foi no Modernismo, principalmente na chamada segunda fase, que ganhou força total. Foi nele que determinadas regiões e personagens destas ganharam destaque em uma escrita que retrata realidades presentes em alguns lugares do Brasil, entre eles o Nordeste, as terras de maior ênfase deste período.

Antes do real surgimento do que viria a ser chamado de Modernismo, tivemos uma fase anterior, denominada Pré-Modernismo. O pré-Modernismo é considerado uma transição entre a literatura realista/naturalista e a modernista, o que ocorreu entre os anos de 1902 e 1922. Nessa transição, houve a produção tanto da prosa quanto da poesia e seus escritores buscavam escrever sobre acontecimentos da época, além de buscar dar ênfase a ambientes menos valorizados, como o interior do país, assim como seu povo caipira e menosprezado (FARACO & MOURA, 2002, p. 233). Por ter como uma de suas características falar sobre problemas ocorridos em determinados lugares do Brasil, principalmente no interior. Portanto, já no Pré-Modernismo, vemos a presença da descrição do sertão e consequentemente do sertanejo.

Com relação ao sertão como tema ou ainda como espaço em que ocorrem conflitos na literatura modernista, e denúncia, por meio das obras, de problemas político-sociais de uma determinada região, podemos destacar, como um dos primeiros representantes, Euclides da Cunha, com sua obra *Os Sertões*, publicada em 1902. Foi Euclides quem trouxe para nossa literatura um sertanejo como um verdadeiro herói, o homem visto como uma parte do seu meio, retomando o pensamento determinista muito discutido na ficção naturalista.

*Os Sertões* (1902) é uma obra estruturada em três partes – “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”. Possui, em toda sua estrutura, o viés determinista e influências positivistas, pois

“[...] concepções deterministas e evolucionistas marcaram o pensamento do escritor” (MIRANDA & SILVA, 2013, p.41). Além disso, Euclides escreve sua obra como um verdadeiro observador, usando seu olhar minucioso de jornalista.

Na primeira parte, “A Terra”, “[...] o autor faz uma descrição geográfica minuciosa da região Nordeste, enfatizando o local onde ocorreram os conflitos entre os sertanejos e as tropas do governo” (FARACO & MOURA, 2002, p. 242). Essa parte da obra tende a descrever toda a paisagem do sertão de forma a focar no clima e na geografia. Sendo Euclides um adepto do Determinismo, podemos observar que cada parte de sua obra, corresponde aos elementos que influenciam o homem de acordo com a teoria taineana, ou seja, o meio, a raça e o momento histórico. Assim sendo, a parte denominada “A Terra”, corresponderia ao meio, tendo em vista que, ao descrever o clima e a vegetação, abre espaço para se falar na influência destes elementos sobre os personagens, exatamente o que o autor faz nessa parte do romance, quando descreve em detalhes o meio retratado na obra, valorizando o espaço, descrevendo-o em detalhes, sendo já esta uma característica da escrita determinista. (LIMA, 2012, p. 08)

A segunda parte, denominada “O Homem”, dá ênfase ao habitante do lugar retratado na obra, suas crenças, sua cultura, sua relação com o meio e, principalmente, sua raça como determinantes de suas ações. Oliveira (2002) em seu artigo denominado *Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo*, descreve essa parte da obra como um “problema do Determinismo biológico” (OLIVEIRA, 2002, p.522). Essa parte, como a anterior, tende a permanecer com uma escrita detalhista e descritiva, dando espaço para se falar em questões biológicas que interferem nas ações dos personagens. É uma descrição que tende a retratar, com maior ênfase, as ações do personagem Antônio Conselheiro. O protagonista em questão é o líder da terra de Canudos e essa parte apresenta seu carácter, assim como seu passado. “O Homem” corresponde à raça, pois as ações futuras desse personagem viriam a ser determinados por sua gênese etnológica.

A terceira e última parte, “A Luta”, liga-se ao momento histórico retratado na obra, é aqui que o escritor passa a descrever de forma mais precisa o real momento da história, pois descreve a guerra de Canudos, um confronto acontecido no sertão da Bahia entre o exército brasileiro e integrantes de um desprezioso movimento popular.

O narrador conta de forma peculiar os acontecimentos que se desenvolvem na guerra, assim como todo o sofrimento de um povo que luta em uma terra miserável. Há a descrição real da seca, da fome, da pobreza e, mais que tudo, da violência de uma guerra começada por motivo estúpido - reclamação de um estoque de madeira não entregue.

No percurso dos séculos no Brasil, do Romantismo ao Pré-modernismos, *O sertanejo* e *Os sertões* são, de maneira distinta, manifestações que valorizam a terra e o homem de uma região que parece ser esquecida pela política brasileira. Mas o tema não para por aí. Durante o Modernismo, sertão e sertanejo protagonizaram importantes obras que ainda serão aludidas aqui, no intuito de continuarmos percebendo influências de teorias deterministas na produção de tais obras.

O Modernismo brasileiro surgiu no país tendo como uma de suas principais característica a criação de uma literatura verdadeiramente nacional, ligada a acontecimentos históricos e sociais do país. Seus escritores buscavam uma literatura que não mais bebesse das fontes europeias, como fizeram os românticos, por isso passaram a traduzir, em prosa e poesia, aquilo que jugavam essencial para a realização de uma literatura engajada, que denunciasses problemas sociais e políticos, especificando a realidade nacional de cada região e época. Contudo, foi somente na segunda fase do Modernismo que a escrita regionalista ganhou destaque, iniciada na década de 1930, também denominada de Regionalismo de 30.

Seus representantes trazem em suas obras não só o ser humano, mas também a presença do meio como um de seus personagens. Por esta razão, vemos em algumas obras de estética regionalista a presença de um viés determinista, pois “em contato com as durezas e a melancolia da vida rural brasileira [...]” se faz forte o “pessimismo, o desencanto, a desesperança, que levam facilmente à aceitação do Determinismo geográfico e da inutilidade de uma luta inglória contra forças inelutáveis e irredutíveis” (COUTINHO *apud* VALLERIUS, 2010, p. 70). Com isso, acreditamos que nos deparamos com personagens que se encontram ligados em uma relação causa/efeito com a natureza onde vivem, com o meio, o momento e a raça, assim como determina a teoria taineana.

Partindo dessa conjectura, constatamos o que Moisés (2001, p. 270) já afirmava quando falava que embora o Determinismo seja estética predominantemente do Realismo/Naturalismo, suas ideias “permanecem, até certo ponto, na ficção nordestina dos anos 30”. É comum encontrarmos esse viés em obras dessa fase da nossa literatura. Embora tenhamos visto o Determinismo presente em obras naturalistas, muitas das obras modernistas da segunda fase, a de 30, principalmente as que retratam a realidade da população nordestina, têm bastante predomínio da teoria defendida por cientistas e filósofos do século XIX.

Foi no Modernismo, mais especificamente no Modernismo de 1930, que aparece a importância para a escrita de regiões menos valorizadas. A partir daí, a produção, principalmente, de romances que questionassem a realidade sociológica e política, ganhou o

auge, muitas vezes partindo do meio em que viviam seus escritores. Ou seja, buscaram escrever sobre a realidade da região na qual nasceram, dando ênfase à influência de determinada região, bem como clima, vegetação, cultura, etc., no enredo da obra e nas ações de seus personagens. Daí surgiu o chamado romance regionalista de 30, em que seus escritores passaram a escrever sobre o lugar onde moravam e, conseqüentemente, o meio que conheciam e experienciavam. Nesta época literária, vemos com maior frequência a produção ficcional da escrita do Nordeste, tendo como principais autores Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos, autor da obra trabalhada na presente pesquisa, *Vidas Secas* (1938).

Foi por meio desses escritores que o sertão ganhou destaque em algumas obras, pois tinham como cenário esse meio e como foco a discussão sobre os problemas e modo de vida do povo que nele reside. Algumas obras, como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e a já citada *Vidas Secas*, davam ênfase a discussões sobre as conseqüências da seca, algo muito comum no sertão, principalmente no nordestino.

Assim, levando em conta a literatura regionalista, surge a chamada escrita sertanista, pois apesar de buscarem retratar a realidade presente em algumas regiões, a figura do herói-mítico, no caso o índio, já havia se esgotado, dando origem a outro tipo de personagem, como nos explica Almeida (1999, p. 38): “À proporção em que o índio, enquanto potencial de mítico-herói, começa a se esgotar, um outro tipo humano entra em cena: o sertanejo [...]”, homem do campo, com seus costumes, sua linguagem nos mostra a relação que se estabelece entre o sertão e o homem, ou seja, o efeito que o primeiro causa no segundo, tal qual fez Euclides em *Os sertões*.

É importante falarmos que, embora pareçam ter uma relação direta, tanto o termo “regionalismo” quanto “sertanismo”, possuem características diferentes. Para Almeida (1999), é importante sabermos diferenciá-los, pois ambos possuem definições distintas. Sertanismo, como o próprio nome nos sugere, refere-se a sertão, que designa regiões interiores e com pouco desenvolvimento.

Sertão designa, de um modo geral em todo o Brasil, as regiões interioranas, de população relativamente rarefeita, onde vigoram costumes e padrões culturais ainda rústicos. No caso do Nordeste, a palavra [...] aplica-se ali à zona em geral semi-árida do interior, sujeita a secas periódicas [...] (ALMEIDA, 1999, p. 53).

Ou seja, partindo dessa concepção de sertão, que deu origem ao termo sertanismo, pensamos em uma escrita que dá ênfase a um local muito específico, que não se trata somente de clima, mas antes de questões culturais não vistas em outros locais.

Já falar em regionalismo é discorrer sobre algo mais abrangente, ou seja, abordar sobre uma determinada parte do país. O termo é originado de região. “De vez que região implica uma parte dentro do todo mais amplo [...] a arte regionalista [...] seria aquela que buscava enfatizar os elementos diferenciais que caracterizam uma região em oposição às demais ou totalidade nacional”. (ALMEIDA, 1999, p. 54). Independentemente de se descrever sobre o campo ou a cidade, a escrita será focada em um determinado espaço que venha a ser, caracteristicamente, diferente de outro.

Ao se falar em sertanismo, abre-se espaço para se falar em autores que escrevem e descrevem o homem que vive em contato com a natureza, muitas vezes agreste. Que focaliza o homem do sertão e sua relação com o meio em que vive, que por muito pode vir a interferir em suas ações. Neste segmento, somente em 1930 surge na literatura brasileira a oportunidade de escrever sobre o sertão com dedicação a uma escrita que desfrutasse dos acontecimentos, da história e da linguagem do povo que nele vive. Foi justamente isso que aconteceu com um forte destaque da região Nordeste, por meio de escritores como José Lins do Rego, Jorge Amado, Raquel de Queirós e Graciliano Ramos.

Albuquerque Júnior, em seu livro intitulado *A invenção do Nordeste* (2011), enfatiza a construção dessa grande e importante região. No livro também encontramos falas que trazem o movimento modernista de 1930 e que deu origem ao chamado regionalismo de 30, com um cunho crítico. Diferentemente do naturalismo regionalista, o modernista traz à tona a união entre cultura do campo e tradições culturais das cidades, buscando enfatizar, por meio dessa união, rural e urbano, uma literatura verdadeiramente nacional.

Os escritores desse movimento buscam produzir obras que problematizem e evidenciem o modo como eles veem e sentem o Nordeste e o sertão da época, não muito diferente do de hoje. Seus autores buscam mostrar o mais próximo a realidade da região e, por esse motivo, utilizam-se de mecanismos que buscam a proximidade entre o leitor e a linguagem falada, muitas vezes fazendo uso das tradições populares regionais. Albuquerque Júnior (2011, p.114) vem confirmar isso ao dizer que

Para ver e dizer a região “como ela era”, estes autores pretendem estabelecer um estilo regional que beberá nestas fontes populares. Este estilo regional se rebela contra o estilo acadêmico, busca uma fala mais próxima à do

cotidiano, abandonando também o que consideram falsidade da linguagem modernista, sua artificialidade.

Os escritores regionalistas dessa fase modernista buscavam escrever de forma a trazer o leitor para dentro do texto, abordando a realidade de cada região. Para tal, eles procuram evidenciar tradições culturais, descrever paisagens e utilizar o mais próximo possível a linguagem presente no território empregado, neste caso, a linguagem nordestina. Isto é, a realidade linguística das personagens é transportada para dentro do texto e, além disso, “Se se trata de escritor regionalista, as variantes dialetais passam a assumir uma nova importância na obra” (ALMEIDA, 1999, p. 160). Desta maneira, o dialeto presente na região passa a acompanhar os personagens durante a narrativa, aproximando a escrita literária do falar do povo.

Continuando com a publicação de obras que retratam os personagens e a seca do Nordeste, vamos ao estudo de uma obra, publicada em 1930 e escrita por uma mulher, algo não tão convencional na época, que vai ao encontro do que já falávamos sobre resquícios deterministas em obras do nosso Modernismo brasileiro. O romance em questão é *O quinze* (1930), escrito por Rachel de Queiros.

A obra em questão aborda a terrível seca acontecida em 1915, na região Nordeste do Brasil, seca esta que é fator determinante para o modo como vivem seus personagens, os quais levam uma vida miserável e por causa dela vivem em busca de condições melhores de vida. É justamente por se falar na seca e em uma determinada região, que a obra é considerada regionalista, assim nos diz Almeida (1999):

*O Quinze* pode ser considerado efetivamente regionalista, pois nesse caso o meio local fornece a substância mesma da obra: tanto o ambiente natural (a seca, a paisagem agreste) quanto a realidade social e humana fixada no romance (a luta do homem pela sobrevivência, o êxodo e os dramas a ele inerentes) refletem uma vivência profunda da região. (p.206)

Assim sendo, o romance traz à tona um ambiente que tende a determinar as ações de seus personagens, entre elas a busca de sobreviver ao ambiente agreste. É o que acontece com a família de Chico Bento, que, em busca de fugir da seca, procura ir à capital, no caso Fortaleza, viajando a pé por não conseguirem passagens com a prefeitura.

Nesse percurso, vemos uma família que aos poucos vai perdendo as forças, a dignidade, a moral e os próprios filhos. Por falta de comida e vendo seus filhos com fome,

Chico decide passar por cima de seus princípios e acaba por matar uma cabra que encontra pelo caminho, assim daria a esposa e filhos o que comer. Porém, o dono do animal chega e acaba lhes dando somente as tripas. A cena que observamos adiante é de personagens tratados como animais que, sem ter o que comer, acabam por ingerir aquela parte da cabra de forma quase desumana. Vemos o quanto o pai de família foi influenciado pelo momento em que vivia, seus princípios e moral, tendo vista que nunca roubara antes, modificara-se a partir do momento que viu aquela cabra como uma forma de encher a barriga da família.

Outro fato que chama atenção no enredo é quando a esposa de Chico entrega seu filho aos cuidados de Conceição, madrinha do menino. Apesar de não querer deixar seu filho, a mãe acaba por definir que aquela era a única forma de o filho ter uma vida melhor. Por determinação de sua classe social, pois é apenas uma pobre camponesa, e das condições em que vive, a mãe sabe que não tem como dar um futuro bom para o filho, além, é claro, de saber que sendo a madrinha alguém de mais condições financeiras, viria a dar mais recursos ao garoto.

No fim do enredo, deparamo-nos com o início de mais um inverno e o fim de uma seca estarrecedora. Todavia, isso não inibe a força de um povo que, apesar de ter passado por um tempo muito ruim, nunca perdeu sua fé e esperança, tanto é que como prova disso, ao ver iniciando o inverno, busca recomeçar do zero e levar a vida que nasceu para ter, a vida do homem castigado pela seca, mas feito forte por ela.

Outra obra que possui traços da teoria determinista e publicada quatro anos depois que *O quinze* (1930) é *São Bernardo* (1934), escrita por Graciliano Ramos. Nessa obra, Graciliano escreve sobre um narrador-personagem, Paulo Honório, que conta sua vida ao escrever sua autobiografia. Entretanto, o romance possui mais do que um simples relato de um narrador-protagonista, pois Paulo Honório é um personagem que foi muito influenciado pelo meio e o momento histórico no qual viveu.

O protagonista era um menino que fora criado por uma doceira negra e desconhecia sua origem familiar. Paulo Honório trabalhou durante alguns anos na fazenda São Bernardo, onde julgava não receber salário justo por aquilo que trabalhava. Isso passou a despertar no personagem a raiva por não ter um pagamento justo e, por isso, prometeu um dia se tornar o dono daquela fazenda.

Ao se envolver em uma briga por causa de mulher, Paulo Honório é preso e é na cadeia onde aparece, com maior força, o sentimento de raiva e vingança. O personagem acreditava ser injustiçado em todos os sentidos, principalmente com relação ao salário mal

pago que recebia na fazenda onde trabalhava. Na cadeia, Paulo aprendera a ler e escrever já com o objetivo de fazer uso desses recursos para conquistar as terras de São Bernardo. Ao sair da prisão, não abre mão de nenhum recurso para conseguir o que quer, passando a manipular e chantagear as pessoas.

O primeiro pensamento que Paulo tem de ser alguém bem sucedido se passa no momento que se sente injustiçado por seu patrão, decide ser um dia o patrão de alguém e ser dono da fazenda que um dia trabalhara, seria alguém que não mais sofreria humilhações ou injustiça, faria parte do outro lado.

É fácil perceber uma influência marcante do meio em que vive o personagem e que este viria a definir suas futuras ações. Paulo não mediu esforços para conseguir ser dono de São Bernardo. E isso fez com que se tornasse um homem rude, ríspido, assim como muitos donos de fazenda da região. Lafetá (1985), quando escreveu o posfácio para a 45ª edição de *São Bernardo*, falou sobre o sentimento de posse que circula o protagonista. Ele descreve esse sentimento como sendo um fator que determina algumas ações do personagem, entre elas o ciúmes de Madalena, sua esposa. Vejamos o que enfatiza Lafetá (1985, p. 204)

O sentimento de propriedade, que unifica todo o romance do qual o ciúmes é apenas uma modalidade, distorce o homem desta maneira radical. A vida agreste, que o fez agreste, é a culpada de Paulo Honório não ser capaz de enxergar Madalena. O homem agreste é aquele ser no qual se transformou Paulo Honório: egoísta e brutal, não consegue compreender a mulher, pois é incapaz de senti-la, [...] e a considera apenas como mais uma coisa a ser possuída.

De acordo com a citação, vemos um personagem como resultado de um sentimento de posse, pois além do fato de querer, no início do romance, ser dono de São Bernardo, sentimento causado pelas humilhações que sofrera, esse desejo também se faz presente por meio do ciúme que sentia por sua esposa. Percebemos um Paulo Honório motivado pelo desejo de possuir, não só bens materiais, mas também a Madalena, que por não ter os mesmos pensamentos do marido e não se submeter a seus caprichos, buscou uma saída, o que a levou a um fim trágico.

Ao longo do enredo Paulo Honório é influenciado pelo meio e o momento histórico em que vive, pois busca a todo custo ser além do que um simples empregado injustiçado ou um homem sem conhecimento, quer estar do outro lado social, do fazendeiro, do dono, das posses, do capitalismo. No entanto, isso o torna um homem rude, agreste como ele mesmo fala, mas sente e afirma não ser dele a culpa: “[...] a culpa foi desta vida agreste, que me deu

uma alma agreste” (GRACILIANO, 1985, p.101). O próprio personagem afirma não ser dele a culpa por ser um homem rude, mas do próprio meio em que vive. Com essa fala do próprio personagem da obra, vemos o quanto o mesmo é determinado pelo meio e o momento que vive.

Em *Vidas Secas* (1938), o narrador conta a história em terceira pessoa, fazendo uso do tempo cronológico. Na obra, a história se passa no sertão de Alagoas. Assim como algumas obras aqui discutidas, os personagens de vidas secas também eram fugitivos de uma terra seca e esquecida pelos governantes. Os personagens dessa obra prima de Graciliano Ramos são resultados de um meio seco e agreste, uma raça menosprezada pelo poder da época, e um momento histórico de injustiças e desrespeitos com os mais humildes. Isso faz dessa obra um enredo carregado de um viés determinista, analisado detalhadamente no próximo capítulo deste trabalho.

### 3 DE VIDAS SECAS À DETERMINADAS: O INDIVÍDUO COMO RESULTADO DO MEIO, DA RAÇA E DO MOMENTO

Em suas obras, Graciliano Ramos tende a escrever sobre o homem, seja ele do campo ou da cidade. Parte sempre da reflexão desse ser, “é o homem que está sempre em questão, e a perspectiva de análise é sempre a dum homem determinado, cuja biografia conhecemos por testemunho direto ou por reconstituição biográfica” (CRISTÓVÃO, 1975, p. 17). Muitos de seus personagens partem da concepção do meio como influenciador, ou seja, há uma ligação entre o meio natural e seus personagens, os acontecimentos narrados são sempre resultantes de acontecimentos já preestabelecidos.

Em *Vidas secas*, Graciliano Ramos traz à tona os principais problemas que ocorrem na região sertaneja do Nordeste, problemas causados nesta região que, muitas vezes, é esquecida pelo poder público e que sofre, constantemente, com causas naturais, entre elas a tão conhecida seca. No livro, a família de Fabiano, busca fugir da falta d’água e de desemprego, tendo em vista que boa parte da renda dos moradores da região, principalmente na época em que o livro foi escrito, consistia no trabalho com a plantação e com a criação de animais. Sem os devidos recursos, que vinham da utilização da água, os personagens não tinham como sobreviver, por isso a família busca, durante todo o enredo, condições de sobrevivência.

A obra trabalha com a questão da opressão no país, principalmente no que se refere as opressões sofridas pelos trabalhadores do campo. Retrata a realidade vivida por uma classe menosprezada, a dos sertanejos e mestiços do interior. É exatamente essa relação entre opressores e oprimidos que Graciliano procura mostrar, pois *Vidas secas*

[...] faz parte do projeto literário da “geração de 30”, [...] se valer da arte para mostrar uma sociedade vincada de espoliação e opressão. Valendo-se da linguagem oral e regional, Graciliano fala da decepção política que sobreveio nas décadas de 1930-1940 [...] (PATTO, 2012, p. 225).

Um dos principais objetivos dessa geração da nossa literatura era mostrar a realidade existente em determinadas regiões do Brasil. Como exemplo disso, o romance fala do Nordeste, região onde passa toda a narrativa, sendo a seca era um dos maiores problemas enfrentados pelo povo nordestino. Por ser também um momento nacionalmente conturbado,

os romances da época passaram a retratar a realidade social e política na qual se encontrava o país.

A obra se encaixa, assim como seu escritor, na segunda fase do Modernismo brasileiro e é constituída por uma narrativa sobre uma família de retirantes que fogem da seca a caminho de buscas de uma vida melhor. Ao longo da viagem, os personagens se encontram com a tristeza de uma terra seca e abandonada.

É de fundamental importância falarmos sobre o narrador dessa obra, pois embora Ramos opte, na maioria de suas obras, por um narrador em primeira pessoa, em *Vidas Secas* o escritor utiliza o narrador em terceira pessoa, aquele que tudo vê, tudo sabe. Cristóvão (1975) nos diz que o escritor utiliza este tipo de narrador em obras de caráter regionalista, “[...] onde a natureza é personagem, em conjunto com pessoas e animais” (p. 32).

O romance, contado por um narrador onisciente, tem por personagens principais Fabiano, sinhá Vitória, os dois filhos sem os nomes indicados, sendo apenas chamados de “menino mais novo” e “menino mais velho”, a cachorra Baleia e um papagaio (que existe apenas em um capítulo da obra). Tais personagens encontram-se sempre em constante choque com o meio, ou seja, a todo momento estão batendo de frente com acontecimentos de um ambiente hostil, desgastante, duro e seco: o sertão nordestino.

O livro consta de treze capítulos os quais não dispõem de uma linearidade de tempo, o que permite que cada capítulo seja lido separadamente sem perder sua compreensão. Além disso, cada personagem do romance possui um capítulo que narra situações e particularidades dele.

De início, o romance foi publicado em contos (cada capítulo um conto), por isso é considerado até hoje como sendo um “romance desmontável”, o termo é usado por Viana (1981), que ainda define a escrita de *Vidas Secas* como sendo, ao ser lida, “duas experiências de leitura”:

A primeira feita isoladamente, como se fosse um conto [...] basta para a sua compreensão; o leitor vai registrando cenas, fatos e ações, satisfazendo-se com o resultado. A segunda experiência requer que o trecho seja lido realmente como um capítulo, parte de um todo. As duas tentativas são interessantes, na medida em que o leitor percebe que, capítulo ou conto, ele lê uma obra-prima, mas não a mesma coisa. (VIANA, 1981, p. 36)

De acordo com a fala do autor, fica claro que a leitura da obra nos leva a experiências significativas, pois, embora cada parte seja lida como conto ou capítulo, isso não

interfere em sua fruição. Cada personagem possui características que os tornam importantes para se entender as denúncias que objetiva a elaboração da obra. Sabendo que cada personagem da obra possui um capítulo destinado a ele, podemos pensar na questão da fragmentação do pensamento dos mesmos, pois tinham um mundo tão limitado quanto sua linguagem.

Ao analisarmos o romance *Vidas secas*, chegamos a encontrar resquícios de um viés determinista em todo o enredo. Assim como defendia Taine (1993), o Determinismo na literatura se baseia na concepção de que toda ação possui fatores pré-determinados. Entretanto, exploramos o romance de forma a localizarmos o Determinismo na construção dos personagens, em suas personalidades e ações, tudo isso sendo determinado de acordo com três fatores que, segundo o autor supracitado, são: a raça, o meio e o momento.

Já no início do romance percebemos uma ênfase no que diz respeito a descrição do ambiente onde vivem os personagens, o narrador tem uma preocupação em descrever o ambiente como sendo uma característica determinista. É fundamental que falemos nessa característica já no início de nossa análise, tendo vista que o clima e a geografia encontrados no enredo da obra caracterizam e interferem muito bem nas ações que virão a seguir na narração. No começo do livro, deparamo-nos com a descrição do ambiente onde se encontram os personagens:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem do juazeiro apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala (RAMOS, 1982, p. 09).

O trecho nos descreve uma paisagem de “planície avermelhada” da qual apenas o que se via de verde eram os juazeiros, plantas típicas da caatinga e bastante resistentes a falta de água. Vejamos que o rio aparece seco e o restante das árvores com “galhos pelados”, o que nos faz pensar em um ambiente sem vida, e não havendo água e nem sombra, acabava por dificultar a sobrevivência dos seres. É neste cenário que se passa o enredo da obra e é este cenário que, como veremos nesta análise, influencia muito as ações da família de Fabiano, tornando-os, também, resultado de um meio seco e quase sem vida.

Pensando no meio como um influenciador das ações executadas pelos protagonistas do romance, buscamos comprovar esse viés determinista, inicialmente, fazendo o estudo do

próprio nome da obra: *Vidas Secas*. Quando investigamos o nome do livro percebemos que ele próprio já remete a teoria determinista, pois se relacionarmos o adjetivo “secas” com o próprio ambiente destacado no enredo, percebemos que o adjetivo seria uma referência ao meio natural onde vivem os personagens, um meio seco, o qual faz com que as “vidas” que nele habitam sejam obrigadas a sofrer a miséria que ele produz. Isso é o que vemos durante toda a obra: um meio natural que transforma quem nele vive, parte dele mesmo, ou seja, tendo visto que os personagens viviam em um ambiente seco, teriam vidas determinadas por ele, assim sendo, vidas secas também.

Deste modo, constatamos o que diz o Determinismo geográfico quando afirma que o meio - clima, vegetação, temperatura - interfere nas ações dos seres vivos. De acordo com esse tipo de Determinismo, os fatores naturais intervêm nas ações dos seres, fazendo com que venham ocorrer causas já determinadas. Quando o narrador nos descreve o ambiente onde vivem os personagens, dá-nos a imagem de uma natureza agreste e, na sequência da narrativa, deparamo-nos com ela sendo determinante para alguns acontecimentos.

Fabiano era um homem de “coração grosso”, pois a seca o deixou assim. No primeiro capítulo, “Mudança”, vemos a primeira imagem do sertanejo, ao ver seu filho sem forças no chão, ordenando para que o menino levante e volte à caminhada. O garoto, sem forças, não obedece ao pai, irritando-o e provocando pensamentos ruins, como nos mostra o trecho seguinte:

Pelo espírito atribulado do vaqueiro passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto examinou os arredores. Fabiano [...] acocorou-se, pegou no pulso do menino que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato (idem, 1982, p. 10).

Vemos que apesar de Fabiano ter pensamentos iniciais de deixar o menino pelo caminho, parecendo-nos um homem cruel e de “coração grosso”, o instinto de sobrevivência se aguça e ele decide pegar seu filho e por nos braços. O pai sente pena e se arrepende de seus antigos pensamentos. O trecho nos faz pensar em um Fabiano que, devido buscar fugir da seca dura e cruel, acaba por se tornar seco e cruel também. O que havia em seu coração era o resultado da vida que levava, logo, seria fácil pensar em abandonar o filho e seguir seu caminho com o restante da família, porém, não obstante sua dureza, entende que seu filho não está de birra, mas fraco, sem forças, pois é só uma criança.

Observamos, por meio do trecho citado que tanto Fabiano quanto o menino mais velho são determinados pelas condições que se encontram. O meio, neste caso, determina o primeiro pensamento de Fabiano – largar o filho na estrada - e também determina a fraqueza do menino mais velho, tendo em vista ser apenas uma criança, castigada pela temperatura, fome, sede e cansaço.

Além disso, o estereótipo dos personagens são provas do quanto o ambiente os transforma, pois são caracterizados de modo que percebermos a influência da temperatura, do clima e da falta de alimento e água. O narrador descreve Fabiano de maneira a encontrar nele fortes resquícios do que causara a terra seca e a queimadura:

Cap. “Mudança”

As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam (idem, 1982, p. 12).

[...] o rosto queimado, a barba ruiva [...] (idem, 1982, p. 15).

Cap. “Fabiano”

A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca (idem, 1982, p. 19).

Notamos um Fabiano marcado na pele pelo clima e pela temperatura, os pés encontravam-se com ferimentos causados pela terra quente, e o rosto queimado pelo sol escaldante. O trecho nos mostra ainda que Fabiano era um ser que tinha como sina andar pelo mundo sem destino. Para o narrador, é como se a seca o “empurrasse”, ou seja, esta determinava que Fabiano fosse assim, ele por si só não tinha escolha, era produto de seu meio.

Sinha Vitória não era descrita diferente de Fabiano, seus pés eram “chatos, largos, os dedos separados. Efetivamente não se acostumava a calçar sapatos [...]” (idem, 1982, p. 42). Fabiano dizia que seus pés pareciam pés de papagaios, pois eram tortos e duros, para ele, sua mulher não tinha o costume de calçar sapatos, o que viria a ocasionar o contato direto com o solo quente e agreste, fazendo de seus pés consequência do clima de seu meio.

Levando em conta o modo como Fabiano indicara os pés da esposa, leva-nos a falar sobre outros acontecimentos que nos fazem encontrar na obra a concepção determinista. Esta é presente na obra também pela forma como o narrador descreve a família e a cachorra Baleia. Sob influência do ambiente, do momento e da raça, o personagem Fabiano é descrito pelo narrador como agindo feito animal, prova disso nós dá o próprio personagem quando em seus

pensamentos se descreve como sendo um animal e também quando é descrito pelo narrador como um macaco:

- Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim, senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. As alpercatas batiam no chão rachado o corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. *Parecia um macaco* (idem, 1982, p. 18-19. grifo nosso).

O próprio personagem se define como sendo um animal e por causa disso podemos dizer que Fabiano só se comparava assim por causa das condições nas quais se encontrava, ou seja, “[...] era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros” (idem, 1982, p. 18). Fabiano era apenas um empregado que seguia ordens, vivia em uma fazenda que não o pertencia e cuidava de animais dos outros, não passava de um empregado que obedecia as ordens do patrão, o que nos confirma um personagem determinado pelo momento histórico que se passava, por ser pobre não era favorecido em nada, apenas seguia ordens, fazendo com que se sentisse diminuído e resignado, sentindo-se assim, como um bicho.

Ainda há o fato de Fabiano ser um caboclo sertanejo, o que o torna, dada as circunstâncias, um ser inferior aos outros brancos que eram providos de dinheiro e uma “boa raça”. O narrador ainda nos diz que Fabiano se sentia envergonhado quando estava na presença de outros, pois “[...] encolhia-se na presença dos brancos e jugava-se cabra” (idem, 1982, p. 18), com isso, só reafirmamos ser Fabiano alguém que se via inferior devido a raça e a classe social que ocupava.

À medida que o personagem se afirma como animal, em contrapartida, a cachorra Baleia, animal da família, é descrita com qualidades singularmente humanas, como a capacidade de raciocinar e de pensar, como são evidenciadas no capítulo destinado a descrever sua morte:

Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração, precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes (idem, 1982, p. 90-91).

Vemos Baleia disposta de pensamentos peculiarmente humanos, como o fato de se sentir dada à responsabilidades e de sentimento de angústia, e tendo delírios no momento em que Fabiano tentava matá-la. Essa inversão de características entre homem e animal nos direciona a pensar como os personagens são reduzidos biologicamente a um ser inferior, ou seja, personagens reduzidos a animalização, tornando-se seres não atuantes racionalmente em suas ações. Esse processo de animalização, que mostra o ser humano como sendo um ser inferior e irracional, inconsciente de suas ações, é uma das características do viés determinista na caracterização de Fabiano e nos demais personagens.

Ao longo do enredo, vemos um Fabiano adaptado ao modo de vida que leva. O personagem possui uma grande facilidade no convívio com a natureza do lugar onde reside, assim como a perfeição ao cuidar do gado e até em como andar em meio ao mato. Toda essa intimidade com a vida de vaqueiro que tem o personagem, como se fosse parte dele, deve-se ao fato de Fabiano ter tido o avô e o pai também vaqueiros, o que nos mostra ser a habilidade de vaqueiro algo vindo de seu antepassado. De tal modo, retomamos a ideia da raça como sendo também um dos fatores que determinam as ações de Fabiano, que, vendo o avô e o pai inseridos em determinadas práticas, passou a ser para ele algo internalizado, passado para seus filhos num processo hereditário.

A presença da influência da raça, já no segundo capítulo da obra, destinado a falar sobre o próprio Fabiano, capítulo que leva seu nome, leva-nos a compreender que o fato de o personagem ser um vaqueiro, andar e se comportar como um é devido Fabiano ter tido avô e pai que também trabalharam na roça. O segundo parágrafo do capítulo descreve a maneira como o personagem caminha por entre o mato com a cabeça inclinada, “[...] o espinhaço curvo, agitava os braços para a esquerda e para a direita” (idem, 1982, p. 17). O narrador ainda nos diz que os movimentos eram inúteis e afirma que Fabiano era assim, pois aquilo já fazia parte de si: “[...] o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos (idem, 1982, p. 17).

O personagem é adaptado ao meio onde vive devido à influência hereditária que possui, o que nos leva a retomar o que diz Darwin (2003) com relação a evolução da espécie. Ele nos fala que o meio também é responsável por atribuir características que são passadas de geração em geração, ou seja, o meio seria um dos grandes contribuintes para que os seres vivos adquirissem características específicas, tanto externas como internas.

O antepassado de Fabiano, que lidara com o sertão, trabalhara duro, teria, ao longo de gerações, internalizado características que ajudaram no domínio do ambiente agreste e foi isso que Fabiano vira e aprendera enquanto criança e seria isso que seus filhos aprenderiam: “[...] os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário” (idem, 1982, p. 17).

Prova disto também temos quando, no capítulo denominado “O menino mais novo”, notamos o comportamento de Fabiano consistindo em influência para o comportamento de um dos seus filhos. A cena se passa quando o menino mais novo vê Fabiano amansando a égua alazã, ao ver o pai em cima do animal, sendo mais forte que ele, “naquele momento Fabiano lhe causava grande admiração. Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo” (idem, 1982, p. 47).

Sentindo um grande entusiasmo pelo pai, o menino desejou ser igual a Fabiano e teve a proeza de tentar amansar um bode, mas não foi bem sucedido e acabara de cara no chão. Para ele, e por não conseguir ser exatamente como o pai, aquilo foi uma frustração, sabia ele que para ser igual Fabiano, seu ídolo, tinha que antes ser gente grande, “[...] precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapato de couro cru” (idem, 1982, p. 52). A admiração que o menino mais novo sentia pelo pai fez com que quisesse ser exatamente como o vaqueiro, mostrando-nos que o comportamento da criança foi influenciado pela admiração e condutas do pai, o que ressalta que o menino tinha o desejo de seguir os passos de Fabiano, fazendo com que seu trabalho e habilidades fosse, possivelmente, repassada para a próxima geração.

O Determinismo está muito presente também na forma como Fabiano se comporta com relação aos outros, a maneira, por exemplo, como se porta quando está com o patrão, o protagonista se sente “uma coisa da fazenda, um traste” (idem, 1982, p. 23). Por temer ser despedido, o personagem e sua família são obrigados a se calar diante do verdadeiro dono da fazenda. O patrão mal vinha a fazenda, mas quando aparecia era para “berrar sem precisão” (idem, 1982, p. 22), e Fabiano era obrigado a ouvir tudo e prometer melhorar e não errar mais, mesmo sabendo que não errara em nada. A classe social de Fabiano e a situação da família obriga a todos eles a serem humilhados e não terem o direito de resposta. Fabiano sabe que não está à altura “dos outros brancos” (idem, 1982, p. 22), contudo reconhece a falta de solução a não ser aceitar a situação pra não perder o emprego.

Chegamos a outro ponto importante sobre a obra, o livro não retrata somente a questão da seca, mas também a questão social na qual os personagens estão envolvidos.

Vemos a diferença social entre os sertanejos e o poder político, quando nos deparamos com o primeiro contato entre Fabiano e o soldado amarelo. Ao ir à cidade comprar produtos a pedido de sinha Vitória, Fabiano se depara com um soldado amarelo que o chama para jogar. Mesmo relutante, Fabiano decide seguir a autoridade, pois como o mesmo se imagina era isso o que sabia fazer: “[...] Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco e obedecia” (idem, 1982, p. 27). Fabiano se sentia fora do seu habitat, um ser muito inferior e inseguro, isso fez com que ele, seguindo ordens do soldado amarelo, se entregasse ao jogo e, como consequência, perdesse todo o dinheiro das compras.

Após perder tudo no jogo, o personagem decide ir embora, porém é chamada a sua atenção pelo soldado, receoso de sua partida. A partir daí o soldado se vê na posição de superior e começa a provocar Fabiano, dando-lhe um pisão no pé. Fabiano insatisfeito “[...] impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá [...]” (idem, 1982, p. 29). Em seguida, Fabiano foi parar atrás das grades.

Podemos ver o soldado amarelo como sendo o símbolo do poder da época, a farda e o domínio dado como autoridade lhe conferiam um ar esnobe e superior aos demais, principalmente, aos iguais a Fabiano. O soldado dispõe de um poder o qual Fabiano desconhece, entretanto este o vê como sendo algo a ser temido, pois era isso que a figura do soldado amarelo representava para ele, assim como para muitos: medo.

O Determinismo aparece quando vemos Fabiano como resultado de um momento social que o impõe acreditar ser inferior ao soldado amarelo, pois sendo o amarelo um trabalhador do governo, não podia Fabiano se defender, apenas aguentar, como sempre fizera, aquilo que mais um branco o determinava, ou seja, ficar calado sob qualquer injustiça. Sentindo-se um inútil, não tinha outro pensamento a não ser ter “[...] paciência. Apanhar do governo não é desfeita” (idem, 1982, p. 33). Fabiano e toda sua gente são resultados de uma sociedade dividida entre aqueles que nada têm, a não ser a esperança de sobrevivência, como os sertanejos trabalhadores como ele, e os que tinham em mãos o poder de governar esse povo, tal qual o próprio governo e quem trabalhava para ele, como o soldado amarelo.

Além da insegurança que nosso protagonista tinha com relação a não poder ir contra o governo e não se defender diante da injustiça que o soldado o fizera sofrer, tinha ainda a questão de ser útil a sua família, de ser a parte que os protegia de qualquer coisa. Fabiano se via como sendo uma base para sua família, o que o impedia de, muitas vezes, defender-se contra a opressão dos demais. Ainda na cadeia,

[...] Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo (idem, 1982, p. 37-38).

Fabiano é influenciado por aquilo que representa para sua família, em meio aos problemas e dificuldades, como não terem casa e, muitas vezes, nem o que comer, ele era para sua família o porto seguro, dava a esposa e aos filhos o melhor que podia.

No capítulo denominado “O Soldado Amarelo”, o vaqueiro encontra-se mais uma vez com o soldado que causou sua prisão. Fabiano estava no meio do mato à procura da égua russa e sua cria quando percebeu uma criatura, o soldado amarelo:

Deteve-se [Fabiano] percebendo rumor de garranchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levava a cadeia, onde ele aguentara uma surra e passara a noite. Baixou a arma. Como o impulso que moveu o braço de Fabiano foi muito forte, o gesto que ele fez teria sido bastante para um homicídio se outro impulso não lhe dirigisse o braço em sentido contrário. A princípio o vaqueiro não compreendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo (idem, 1982, p. 99-100).

Ao perceber que não estava sozinho, a reação de Fabiano foi de defesa. Todavia, o impulso que tomara conta do nosso personagem o fez desviar e baixar a arma quando notou que se tratava do soldado que um ano atrás lhe fizera mal. Fabiano ficou desorientado, sem saber o que fazer. Durante um tempo viu-se no duelo entre o bem e o mal, seus pensamentos o levavam a pensar em dar um fim no soldado; por outro lado, sentia pena, pois “nunca vira uma pessoa tremer assim” (idem, 1982, p. 100). Embora, de início, Fabiano tenha sentido medo, em seguida apenas sentia pena do soldado, percebera que ele não passava de um ser sem importância. Posteriormente,

Aprumou-se, fixou os olhos nos olhos do polícia, que se desviaram. Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, não valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força. Vacilou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins (idem, 1982, p. 107).

Fabiano não só sentiu pena do amarelo, mas não se viu no direito de revidar nada do que o soldado lhe havia feito de ruim, até porque sabia ele que já sofrera uma vez quando desafiou o amarelo, não queria desafiá-lo de novo. Embora a autoridade lhe tivesse feito muito mal, não seria certo e nem proveitoso sujar suas mãos com este sangue, o soldado não passava de um ser que se achava melhor que os outros e usava de sua autoridade para humilhar os pobres. Deixou que seguisse o seu caminho. Fabiano sabia que acabar com o soldado, naquele momento, não mudaria o que lhe aconteceu no passado, sabia que, além daquele soldado, havia outros como ele também, não podia Fabiano se livrar de todos, nem queria. Apesar de tudo, teria o personagem sido preso naquela noite na cidade, pois passara um pouco dos limites, admitia. Se naquele dia “não tivesse perdido a paciência e xingado a mãe da autoridade, não teria dormido na cadeia [...]” (idem, 1982, p. 102), reconhecendo que seu erro levava a passar a noite preso, o que nos mostra a consciência de que seus atos provocam consequências, toda causa tem um efeito.

Chama-nos a atenção os momentos consecutivos ao acontecido entre Fabiano e o soldado, porque nosso protagonista tende a acreditar ter se modificado ao longo do tempo. Ao lembrar do passado, de tudo que havia passado até o atual momento, o próprio Fabiano se diz mudado: “provavelmente não se esquentaria nunca mais, passaria o resto da vida assim mole [...]. Como a gente muda! Era. Estava mudado” (idem, 1982, p. 106). Fabiano pensava dessa forma, mostrando-se consciente e orgulhoso em não ter acabado com o amarelo. Ele percebeu que não ganharia nada mantendo um ser tão inútil, como era o soldado.

O protagonista era constantemente roubado pelo patrão, o que elucida a opressão e a exploração de um povo visto como inferior. Sempre que ia receber pelo seu trabalho, acabava por receber muito menos do que merecia, além disso, era muito frequente o patrão roubar seus animais, fazendo com que Fabiano acabasse por se endividar: “pouco a pouco o ferro do proprietário queima os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia” (idem, 1982, p. 92). Fabiano trabalhava de sol a sol e nunca recebia o valor equivalente a sua prestação de serviço, não lhe sobrava nada a não ser o suficiente para o alimento da família e, embora fizesse planos de juntar dinheiro, nunca conseguiria, pensava ele que “se economizar durante meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice [...]. Consumido os legumes, roída as espigas de milho, recorreria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes” (idem, 1982, p. 92). Embora reclamasse do pouco dinheiro que recebia, não se via no direito de rezingar, pois “receava ser expulso da fazenda. E rendia-

se. Era bom pensar no futuro, criar juízo” (idem, 1982, p. 92). Sempre que reclamava era repellido pelo patrão que o mandava procurar serviço em outro lugar, por conseguinte, Fabiano sempre baixava a cabeça e “se havia dito palavra à toa, pedia desculpa” (idem, 1982, p. 93). Como era uma vítima da situação de injustiça, calava-se para não perder o emprego e não passar fome.

Fabiano e outros sertanejos não só eram injustiçados pelos patrões, mas também pelas prefeituras, que cobravam juros altíssimos de quase tudo. Vemos um exemplo claro disso quando Fabiano vai à cidade com o intuito de vender um porco, deixado tempos no chiqueiro. Quando chega à cidade, encontra um cobrador da prefeitura, que lhe mostra um recibo e “Fabiano fingira-se desentendido: não compreendia nada, era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia [...] pedaços de carne” (idem, 1982, p. 94). Não fora o suficiente e acabou por decidir voltar com o porco para casa.

Apreendemos o quanto o governo capitalista manipula o povo, principalmente os que já não têm quase nada, como é o caso de Fabiano. Explicita o texto a situação do povo sendo sugado pelos governantes de forma que não têm outra saída a não ser se calar sobre todas as injustiças cometidas pelos “superiores”.

Sendo Fabiano vítima de uma sociedade exploradora e opressora, que pensa em dinheiro e arrancar aquilo que resta a um homem ignorante, usando muitas vezes a violência e humilhações, o protagonista passa a ser mais inseguro ainda, agora não só no comportamento, mas com relação ao dinheiro também. No capítulo denominado “Festa”, há uma passagem na qual o narrador fala que Fabiano, por sentir que seria roubado por sinha Terta, compra uma quantidade insuficiente de pano para fazer as vestimentas para a festa da padroeira:

Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira sinha Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos. Sinha Terta achara pouco a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. Em consequência as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas. (idem, 1982, p. 71).

Por causa da insegurança de Fabiano, por achar que seria roubado, tende a não comprar a quantidade de tecido suficiente para as roupas da família e todos deverão comparecer à festa da cidade com vestes menores que cada corpo. Isso ressalta uma sensibilidade em Fabiano com relação ao que o outro pode vir a fazer de mal para ele,

resultado de tudo que já passou, injustiçado pelo patrão, pelo comerciante, pelo soldado amarelo e até pela prefeitura.

Em decorrência da insegurança de Fabiano, este passou a ver todos ao seu redor como seus inimigos. Isso ficou muito mais óbvio no capítulo “Festa”, quando vemos um Fabiano receoso daqueles que também participavam da novena: “evidentemente as criaturas que se jugavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite” (idem, 1982, p. 75). Toda essa insegurança fazia com que o personagem se sentisse muito mais inferior aos que ali se encontravam e, com isso, constatamos que os sentimentos de inferioridade e medo desenvolvidos por Fabiano seriam oriundos de vários acontecimentos que o fazem se sentir desta maneira. Isso é o que nos comprova o trecho seguinte, o qual esclarece os possíveis motivos determinantes do sentimento de inferioridade de Fabiano:

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes. Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins (idem, 1982, p. 76).

Fabiano sofreu muitas injustiças com relação às ações do povo da cidade, aqueles com quem tinha contado direto, comerciantes e o próprio patrão se aproveitavam da ignorância dele, fazendo-o de bobo explorado. Até por aqueles com quem não mantinha contato era ridicularizado, embora soubesse ou suspeitasse que estaria sendo injustiçado. Em Fabiano não cabia o sentimento de defesa porque não se via como alguém capaz de lutar por seus direitos, era para ele mesmo apenas um ser sem importância. Sentindo na pele as injustiças e roubos, não consegue confiar naqueles que vivem na cidade, buscando se desviar de todos que julga ruins e aproveitadores. O trecho a cima nos prova o quanto Fabiano, de acordo com acontecimentos e ações oriundos de outros, torna-se um resultado do meio capitalista no qual se encontra.

As roupas com as quais a família de Fabiano foi para a festa não agradavam em nada os personagens, eram vestes normais para aqueles que moravam na cidade e frequentavam missas. Todavia, não eram nada comuns para a família de Fabiano. O próprio vaqueiro se sentia sufocado com as vestimentas, “[...] o colarinho furtava-lhe o pescoço. As botinas e o colarinho eram indispensáveis. Não poderia assistir à novena calçado em alpercatas, a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo. Seria desrespeito” (idem, 1982, p. 75). Embora Fabiano e sua gente não estivessem nada felizes com os incômodos causados pelas roupas, não se vestirem “adequadamente” seria falta de respeito, pois a igreja se tratava de um lugar sagrado, sem contar nas inúmeras pessoas que sempre se vestiram daquela forma, o que nos leva a constatar que, por causa da tradição, todos tendem a se vestirem da mesma maneira, sendo, portanto, ele e a família influenciados pela tradição religiosa da região na aparência nas vestes.

No entanto, aquela não era a maneira como a família se sentia livre e à vontade, eram acostumados a usarem alpercatas ou até ficarem descalços, as roupas eram largas. Apesar de sentirem que deveriam ir à cidade vestidos daquele jeito, antes de chegarem lá, ainda no caminho, decidiram tirar de cima deles o que os incomodavam, o primeiro a se despir foi Fabiano que

[...] ao pisar a areia do rio, notou que assim não poderia vencer as três léguas que o separava da cidade. Descalçou-se, meteu as meias no bolso, tirou o paletó, a gravata e o colarinho, roncou aliviado. Sinha Vitória decidiu imitá-lo: arrancou os sapatos e as meias, que amarrou no lenço. Os meninos puseram a chinelinhas debaixo do braço e sentiram-se à vontade (idem, 1982, p. 72).

O fragmento indica que conquanto precisassem chegar a cidade bem vestidos, o ambiente no qual se encontravam e o próprio comportamento da família não dariam chance de chegarem “apresentáveis” à cidade, tendo em vista que andariam muito até lá.

Além da tradição com relação ao modo de se vestir para a novena, vemos que sinha Vitória também é influenciada pelas outras mulheres. No mesmo capítulo, denominado “Festa”, sinha Vitória utiliza o guarda-chuva, item que compunha seu traje, de forma diferente do habitual:

Impossível dizer porque sinha Vitória levava o guarda-chuva com a biqueira para cima e o castão para baixo. Ela própria não saberia explicar, mas

sempre vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume (idem, 1982, p. 73).

Por ver outras mulheres usando o guarda-chuva daquela forma, sinha Vitória começou a usá-lo. Percebemos que além da influência tradicional nos trajes, a personagem também era influenciada pelo modo de vida das mulheres da cidade.

Sinha Vitória era esperta, principalmente com relação ao roubo cometido pelo patrão. Era ela quem alertava o marido sobre o valor pago injustamente por seu trabalho na fazenda. Além de saber fazer contas, sinha Vitória “sentava-se na cozinha, consultava montes de semente de várias espécies, correspondentes a mil-réis, tostões e vinténs. E acertava” (idem, 1982, p. 113). Fabiano ficava espantado com tamanha esperteza da esposa, como quando ela falava que as arribações matariam o gado quando chegasse a época próxima da seca. Ele demora a entender o que dizia sinha Vitória e quando entendia que as aves levariam embora o resto de água do gado, matando-os de sede, ficava maravilhado com tamanha inteligência. Para Fabiano, a mulher “largava tiradas embaraçosas” (idem, 1982, p.109).

Sinha Vitória, diferentemente de Fabiano, era uma mulher esperta, era movida por pensamentos além daqueles capazes de serem projetados pelo marido, por isso que para Fabiano ela era incrivelmente astuta, além disso, era a única entre todos da família que se utilizava mais das palavras, podemos ver isso como consequência dos pensamentos que lhe incitava a se expressar por meio delas.

Encontramos o Determinismo também no que se refere à linguagem dos personagens. Há os que não possuem familiaridade com a língua, pois a linguagem da família de Fabiano, não só de um membro, mas de todos, é muito escassa. Utilizam-se, muitas vezes, de gestos corporais e de poucas sílabas, em muitos casos fazem uso de onomatopeias-palavras que lembram sons.

Assim como nos diz o narrador, Fabiano “[...] falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural [...]. As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias” (idem, 1982, p. 19). A forma como Fabiano e sua família se relacionam quanto a linguagem nos mostra a presença de um viés determinista, tendo em vista que a família mantinha menos contato com outras pessoas e mais contato com animais, conhecendo profundamente muitos sons. No mais, vemos o meio como também sendo influenciador na linguagem dos personagens, pois pouco mantinham relação com outras pessoas, o que facilitaria o contato com a língua, contudo possuíam bastante convívio com a linguagem dos animais, era essa linguagem que a família absorvia.

Este fator também se refere às condições sociais da época, pois, não havendo recursos para obter educação, a família não dispunha de conhecimento das letras, devido, sobretudo, a falta de apoio governamental e ao momento de seca que viviam. Este último seria, talvez, o de maior relevância, por determinar o pensamento de Fabiano sobre a importância da educação para quem vive na seca. Para ele, a educação de nada vale nesse meio duro, não é dela que as pessoas precisam para sobreviverem ao tempo ruim. O personagem é levado a pensar ser a única saída de sobrevivência a vida de cuidar dos animais, de trabalhar duro embaixo do sol escaldante do sertão. Este pensamento vem à mente de Fabiano quando se lembra de seu Tomás da bolandeira, o personagem acredita que o conhecimento do mundo das letras não levara seu Tomás a se livrar do momento ruim em que vivia, pelo contrário, “pois viera a seca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro as varas, que pessoa como ele não podia agüentar (*sic*) verão puxado” (idem, 1982, p. 22). Destarte, segundo Fabiano, a educação de nada servia para aqueles que buscavam sobreviver a seca, o certo seria caminhar de acordo com ela, ou seja, utilizar aquilo que ela disponibilizava. Este seria o bom caminho para seus filhos:

[...] saber cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Um dia... sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... [...], livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles (idem, 1982, p. 24).

Verificamos que os meninos não tinham outra saída a não ser fazerem exatamente o que o pai fazia, trabalhar duro para se manter vivo, não tendo razões para se conhecer outras coisas, a não ser aquilo que disponibilizava a seca, isto é, mais uma vez, o meio é determinante das ações e escolhas de nossos personagens.

Ainda nos referindo à linguagem no romance, falemos agora sobre o menino mais velho e sua relação com ela. O capítulo “Menino mais velho”, escrito especialmente para falar desse personagem, chama-nos a atenção sobre o fato de o menino ficar curioso com a palavra “inferno”. Ao ouvir sinhá Terta proferindo a palavra, o menino fica intrigado e busca saber com a mãe o significado da mesma. O filho, assim como os demais da família, não tinha domínio das palavras:

Tinha um vocabulário quase tão minguado como do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos [...] (idem, 1982, p. 55).

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava palavras complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na caatinga, roçando-se. Agora tinha a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinhá Terta (idem, 1982, p. 59).

Compreendemos um interesse por meio do menino mais velho de conhecer o mundo das palavras, ademais buscava o contato com elas de acordo com aquilo que tinha a disposição, como o som dos animais, do vento, etc. No entanto, como já mencionado anteriormente, o menino não tinha a oportunidade de estudo, justamente por sua classe social e o momento no qual se encontrava o semi-árido.

Seu contato com aquela palavra passava de querer apenas saber o significado, mas a busca de concretizá-lo, de torná-lo algo concreto. O menino se sentia incitado a descobrir a utilização daquela expressão, deixar de vê-la apenas como uma palavra e passar a atribuir-lhe uma imagem.

Para o menino mais velho era importante o conhecimento de uma nova palavra, mas, ao questionar, os pais não conheciam como proferir uma resposta sobre seu significado, pelo contrário, sinhá Vitória e Fabiano o trataram mal. Embora não desse importância a pergunta do menino, a mãe ainda procurou aclarar, “[...] aludiu vagamente a ser um lugar ruim demais” (idem, 1982, p. 54). Não obstante, o menino mais velho não se conformava em uma palavra tão bonita significar algo ruim e, a partir dessa definição, chegou à conclusão de que há “[...] em toda parte forças maléficas” (idem, 1982, p. 59), porém essas forças eram vencidas por outras maiores:

Existiam sem dúvida em toda a parte forças maléficas, mas essas forças eram sempre vencidas. E quando Fabiano amansava brabo, evidentemente uma entidade protetora segurava-o na sela, indicava-lhe os caminhos menos perigosos, livrava-o dos espinhos e dos galhos (idem, 1982, p. 59).

O narrador explica a ideia ao afirmar que uma “entidade protetora” resguardava Fabiano quando este amansava boi bravo. As ações de Fabiano, segundo essa concepção, era moldada por forças que o encaminhavam e protegiam durante suas ações. Claramente vemos

uma relação com a definição da concepção determinista, pois de acordo com ela, tudo – os átomos, a natureza, o ser humano, etc - seria determinado por fatores ou forças preexistentes.

No penúltimo capítulo do romance, “O mundo coberto de penas”, os personagens já começam a sentir que mais um tempo ruim se aproxima, mais uma seca está para se iniciar. “Fabiano senti-a de longe. Sentia como se ela já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas” (idem, 1982, p. 112). Por viver e sentir a seca na pele, Fabiano sabia exatamente quando uma estava por vir, conhecia os fenômenos climáticos e isso lhe dava experiências para detectar quando mais um tempo difícil estava se aproximando. Isso nos mostra, mais uma vez, que Fabiano é resultado das influências de sua relação com o meio e sua natureza, pois podia, por experiência do que já havia passado, sentir as mudanças que ocorreriam futuramente. Não foi diferente, a seca chegara, o momento de sofrimento se iniciara mais uma vez e a família de Fabiano teve que deixar para trás a vida que levava, deixar a fazenda e iniciar mais uma caminhada em busca de fugir do momento.

Constatamos que a obra inicia-se com uma seca e termina com outra, o que nos leva a pensar que a família passa por três importantes momentos: a primeira seca; o tempo de inverno, momento entre uma seca e outra; o início de mais um tempo de seca. Embora se passem em momentos diferentes, tanto a primeira quanto a segunda secas provocam na gente de Fabiano o mesmo sofrimento, fazendo-nos pensar que elas não passaram despercebida por nossos personagens, é bem nítido que mais que qualquer outro fator – momento histórico e raça - o meio em que eles viveram foi significativo e determinante para muitas de suas ações, fazendo com que vejamos os personagens como produtos do lugar onde habitam.

Entretanto, embora na segunda seca, os personagens passassem pelos mesmos sofrimentos que a primeira, nossos protagonistas se veem diferentes da primeira experiência, se veem mudados, “a princípio [Fabiano] quis responder que evidentemente eles eram o que tinham sido; depois achou que estavam mudados, para bem dizer” (idem, 1982, p. 119). Talvez se achassem mudados pelo fato de estarem mais forte e resistentes, pois a última seca deixara marcas que os fizeram mais fortes, mais propícios a enfrentarem mais um tempo difícil. Haviam sobrevivido a um tempo complicado, poderiam sobreviver a mais um. Eles estavam cheios, ele, sinha Vitória e os meninos estavam gordos, largos. Porém, com a caminhada, a fome e a sede, acreditavam que com o tempo tudo iria sumir e dar lugar a magreza que a seca e as necessidades provocavam, mas não desistiriam.

Diferentemente de Fabiano, sinha Vitória possuía muitos desejos, tinha sempre esperança de um dia viver em terra boa, com vida boa para ela e sua família. Seu maior sonho era ter uma cama igual a de seu Tomás da bolandeira. Fabiano pouco sonhava, queria ele apenas viver o momento, sobreviver a este momento. Quando veio outra seca e a família teve mais uma vez de deixar tudo e partir em busca de vida melhor, sinha Vitória passou a desejar e sonhar mais e mais com uma vida diferente da que levava, “pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. [...] cultivaria um pedaço de terra, [...] os meninos frequentariam a escola [...]” (idem, 1982, p. 125-26). Aos poucos sinha vitória influenciara Fabiano a pensar deste modo, a acreditar positivamente em uma melhora, “estava contente e acreditava nessa terra, [...] não sabia como ela era e nem onde era” (idem, 1982, p. 126), todavia não deixava de acreditar, era apenas o que lhes cabia no momento: sonhar.

Embora a família de Fabiano sonhasse com uma terra boa, com condições melhores e soubessem que, no momento, seriam apenas desejos, ao fim do romance o narrador nos passa uma única certeza: a família “chegaria a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos” (idem, 1982, p.126). Com isso, compreendemos o quanto o sertão determina e define seus habitantes, a fala do narrador nos comprova que o sertão é responsável por tornar o sertanejo um ser forte. Mais uma vez voltamos ao que diz a seleção natural, que o meio é fator determinante para que os seres vivos se tornem mais resistentes e adaptáveis ao meio natural que habitam, foi isso que a natureza fez com a família de Fabiano e que continuaria fazendo com outros retirantes: torná-los fortes para o mundo.

A natureza também é responsável por selecionar os mais fortes nesta história. Quando averiguamos que a narrativa se inicia com seis personagens (Fabiano, sinha Vitória, o dois filhos, baleia e o papagaio) e termina com apenas quatro (Fabiano, sinha Vitória e os dois filhos), notamos que foram perdidos durante a história dois personagens, o papagaio foi o primeiro, depois Baleia. O papagaio teve que ser morto pela família ainda no primeiro capítulo, para que pudessem ter alimento: “[...] morrera na areia do rio, onde havia descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo [...]” (idem, 1982, p. 11). A fome que sentiram os retirantes e a falta de alimento foram fatores os quais impulsionaram a morte do animal para se tornar alimento. Depois veio a morte de Baleia, doente de raiva, Fabiano teve de matá-la para não continuar sofrendo. As duas mortes nos comprovam que a

natureza, o meio são responsáveis por selecionar os mais fortes, o papagaio fez parte do processo de cadeia alimentar, na qual o mais forte – predador - vence a vítima - presa. Já baleia não pode ser mais forte do que a patologia que a sucedera.

Através destas observações, entendemos que a obra possui três fases contribuintes para os acontecimentos ocorridos com os personagens. A primeira está no início do romance, no qual temos o contato com o ambiente descrito de acordo com o momento seco e hostil. Nesta fase, os personagens estão passando pelo primeiro momento de seca do enredo, encontram-se em uma retirada em busca de melhorias de vida e garantia de sobrevivência. A segunda fase consiste no fim da primeira seca, quando os personagens encontram casa e Fabiano arranja emprego em uma fazenda. A terceira e última fase incide no início de mais uma seca, por causa da qual a família tem de sair de mais uma terra que não lhes pertence, em busca de um lugar para ficar. Daí vem à tona um problema social comum na época, apropriação de terras, em que várias famílias, assim como a retratada no romance, buscam um espaço para morar, tendo que invadir terras alheias.

As ações dos protagonistas são, então, determinadas pelos três fatores que defende Comte, mas é certo que o meio é o de mais influência em nossos personagens. Todos, de certa forma, são influenciados por esses fatores, no entanto o personagem Fabiano se mostra mais influenciado que os outros. O personagem, diferente dos outros, é influenciado pelos três fatores:

[...] tinha [Fabiano] obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. [...] nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? [...] tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. Cortar mandacaru, ensebar látégos – aquilo estava no sangue. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomava uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias (idem, 1982, p. 96).

O trecho acima evidencia o que já foi analisado neste capítulo, ou seja, que o protagonista Fabiano é resultado dos três fatores do Determinismo comteano. Fabiano é um personagem que já traz hereditariamente nas marcas de um antepassado que tem por habilidades a luta com a terra agreste, com os cuidados com animais e com as durezas do sertão. Seu avô e seu pai já trabalhavam com isso e vaqueiro trouxera no sangue essas características, de um ser forte e lutador. O ambiente onde viviam seus antepassados, assim

como o ambiente onde vive Fabiano, contribuiu para que os sertanejos da família se tornassem trabalhadores de terra sofrida pela falta de água e de recursos governamentais.

Isso nos leva a falar de outro ponto determinante para as características e ações do personagem, o momento no qual se encontra. Fabiano era injustiçado pelos governantes e por seu patrão, que o explorava no trabalho e não lhe pagava o correto, tudo, de certa forma, girando em torno de dinheiro e de poder, tendo em vista ser um momento histórico de opressão e exploração, no qual “os poderosos” - governo, autoridades, donos de fazendas, comerciantes – aproveitavam-se dos menos favorecidos, como Fabiano e sua gente. Todos estes aspectos juntos resultaram em um povo injustiçado, medroso, tido como inferior, sendo, muitas vezes, tratado como animais.

A obra faz uma mistura dos elementos que para Taine seriam responsáveis por determinar as ações humanas - o meio, a raça e o momento. Podemos dizer que a obra nos faz pensar na luta do sertanejo não só contra os governantes, mas, principalmente, contra seu meio, no caso, o próprio sertão esquecido por políticas públicas. Além do mais, a raça é fator que pode vir a determinar tamanhas desavenças, haja vista ser o mestiço, naquele momento histórico, concebido como uma raça inferior. Nossos personagens são resultados de acontecimentos ocorridos de fora para dentro, ou seja, aquilo que os rodeiam, como a natureza, clima, a sociedade, o contato com outras pessoas, tudo interfere no que virá a definir e caracterizar cada personagem, principalmente Fabiano.

## 4 CONCLUSÃO

Com essa pesquisa, compreendemos que o século XIX, no que se refere ao campo da ciência e da filosofia, foi de fundamental importância para se chegar a teoria determinista. As correntes de pensamento científicista, como o positivismo, e também os estudos sobre a seleção natural dos seres, de Darwin, levaram a discussões sobre a evolução dos seres e que estes estão totalmente ligados a relação existente entre causas e efeitos. Por muito, esses efeitos, ou consequências, eram determinados por fatores preexistentes.

Compreendemos também que o Determinismo passou a ser utilizado na literatura, mais precisamente na estética naturalista, por meio, inicialmente, dos estudos de Émile Zola, e que a mesma corrente também faz parte do momento Modernista de nossa literatura. No Modernismo brasileiro, o viés determinista encontra-se desde seus anúncios pré-modernistas em *Os sertões*, de Euclides da Cunha, até a prosa da segunda geração, a de 30. É nessa fase que autores como Graciliano Ramos retratam os problemas geográficos e sociais principalmente da região Nordeste, dando ênfase a uma escrita regionalista, assim como a sertanista, como no caso do romance analisado. Percebemos que a escrita regionalista abre caminho para o estudo de personagens determinados pelo meio que os rodeia, contudo, partindo de uma concepção inteiramente determinista, ou seja, os personagens são influenciados por aquilo que vivenciam.

É diante dessas discussões que nossa pesquisa buscou analisar a obra *Vidas Secas*, de forma a encontrarmos o viés determinista na criação de seus personagens. Buscamos comprovar se os personagens são resultados de um meio seco e hostil, de uma raça menosprezada socialmente e também de um momento histórico no qual a maior preocupação se restringe ao pensamento capitalista.

O romance apresenta a descrição do meio já no primeiro capítulo da obra, o que constatamos ser de fundamental importância para conhecermos o ambiente e clima no qual vivem os personagens. Um clima seco e hostil, e é este cenário que, como vimos em nossa análise, influencia muito as ações da família de Fabiano, tornando-os resultado de um meio seco e quase sem vida. A presença do meio como fator determinante das ações e características dos personagens pode ser constatado já em um breve estudo do título do romance: *Vidas Secas*. O adjetivo “secas” é referência ao meio e a vida dos personagens no

que diz respeito não só ao clima, mas a instrução, ao uso da linguagem, aos costumes, aos modos de relacionamento.

Na obra, podemos encontrar, tanto na construção física dos personagens quanto na personalidade dos mesmos, a influência do ambiente, assim como também na linguagem de toda a família de Fabiano. Os personagens pouco têm contato com outras pessoas, mas bastante com animais, fazendo com que sua linguagem se distancie daquilo que seria considerado como mínimo na comunicação humana. A todo momento os personagens se utilizam de onomatopeias e gestos para que haja interação diante o outro.

A raça dos personagens e o momento histórico no qual vivem também influenciam suas ações. Fabiano é um vaqueiro que vive daquilo que herdara do seu antepassado, sabia apenas cuidar dos animais, isso seria o que seus filhos também herdariam. A família era constantemente roubada pelo patrão e oprimida pelo governo da época, o que a torna fragilizada e muitas vezes se sentindo inferior, sendo tais caracteres efeitos das injustiças e opressões que sofria.

Fabiano é, entre todos os outros, o personagem mais influenciado na narrativa, ele é determinado por todos os fatores (meio, raça e momento), porém os outros – sinhá Vitória, e os filhos - são mais influenciados pelo meio geográfico no qual se encontram. Deste modo, todos os personagens são, por meio de um fator ou outro, determinados, tornando-se ao longo do enredo resultados de fatores que influenciam em suas características, comportamento, ações e até mesmo na linguagem.

Esperamos, com essa pesquisa, ter contribuído para o estudo na área das Letras e da análise literária, com relação ao viés determinista no estudo de construção de personagens. Sabendo que a estética determinista, em nossa literatura, teve início ainda na fase naturalista, é importante constatar e demonstrarmos como o pensamento determinista aparece no Modernismo, e como isso influencia nas ações e comportamento dos personagens aqui analisados, tornando-os resultado de fatores internos e externos.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, José Maurício Gomes. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; HELENA, Maria Pires Martins. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

BRENIFIER, Oscar. **Liberdade e determinismo**. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. Seleção de textos de José Arthur Giannotti. Traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores). Disponível em: <https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/colecao-os-pensadores-auguste-comte-obra-e-vida.pdf>. Acessado em: 29 de agosto de 2016. As 00h03min.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. **Graciliano Ramos**: estrutura e valores de um modo de narrar. Brasília: Ed Brasília, INL, 1975.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**, no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza. Tradução de Mesquita Paul. Porto: Lello & irmão – editores, 2003. Disponível em: <http://ecologia.ib.usp.br/ffa/arquivos/abril/darwin1.pdf>. Acesso em: 29 de agosto de 2016. As 00h03min.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Ática, 2002.

FERRARI, Marcio. **Augusto Comte, o homem que quis dar ordem ao mundo**. Disponível em: <http://novaescola.org.br/formacao/auguste-comte-423321.shtml?page=0>. Acesso em: 29 de agosto de 2016. As 21h15min.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. São Paulo: Editora Alínea, 2007.

LAFETÁ, João Luiz. Posfácio. In. RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 45 ed. Rio de Janeiro: Record, 1946.

LIMA, Irani Barbosa de. **A questão do determinismo no “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo**. Guarabira: UEPB, 2012. Disponível em:

<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1502/1/PDF%20Irani%20Barbosa%20de%20Lima.pdf> Acesso em: 23 de agosto de 2016 as 23: 09.

MOISÉS. Massaud. **História da literatura brasileira: realismo e simbolismo**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MIRANDA, Gustavo Martins do Carmo, SILVA, Victor Augusto Araújo. Determinismo e relativismo nas obras de Euclides da Cunha e Gilberto Freyre: duas concepções, duas realidades interpretativas acerca da temática racial do Brasil. **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 35-49, 31 de dezembro. 2013. Semestral. Disponível em: <[www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br)>. Acesso em: 31 de dezembro.

OLIVEIRA, Ricardo de. Euclides da cunha, os sertões e a invenção de um brasil profundo **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 511-537, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14010.pdf> Acesso em: 04 de outubro de 2016 as 01: 55.

PATTO, Maria Helena Souza. O mundo coberto de penas Família e utopia em Vidas secas. **Estudos Avançados**, n. 26, p. 76, p. 225-236, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v26n76/22.pdf> Acessado em 22/11/2016.

PENA, Rodolfo Alves. Friedrich Ratzel. **Brasil Escola**. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/friedrich-ratzel.htm>>. Acesso em 19 de setembro de 2016, as 18hr e 51min.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Seca e determinismo: a gênese do discurso do semi-árido nordestino**. Anuário do Instituto de Geociência-UFRJ. Volume 22: Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: [http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario\\_1999/vol22\\_60\\_91.pdf](http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1999/vol22_60_91.pdf) Acesso em 08 de agosto de 2016, as 21hr e 03min.

ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro. O sertanejo: Um mito na narrativa da literatura brasileira. **Revista Desenredo**. Ano IV. Nº 14. Teresina, 2012. Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/14-Artigo-Dheiky-OSertanejo.pdf> . Acesso em: 24 de outubro de 2016 as 21:49

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1994.

VALLERIUS, Denise Mallmann. Regionalismo e crítica: uma relação conturbada. **Antares**. nº 3. 2010. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/419/367> Acesso em: 17 de outubro de 2016 as 14hr:08min.

VIANA, Vivina De Assis (org.). **Graciliano Ramos: Textos Selecionados, Estudo Histórico-literário, Biografia e Atividades de Compreensão e Criação**. São Paulo: Abril, 1981.

ZOLA, Émile. **O romance experimental e o Naturalismo no teatro.** Elos-perspectiva, 1880.  
Disponível em: [http://www.usp.br/cje/anexos/depaula/o\\_romance\\_experimental\\_zola.pdf](http://www.usp.br/cje/anexos/depaula/o_romance_experimental_zola.pdf)  
acesso em: 24 de agosto de 2016 as 21hr: 45min.